



ESTADUAL DA PARAÍBA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE HISTÓRIA**

**ELLEN HORTÊNCIA SILVA SANTOS**

**MULHERES NEGRAS INTELLECTUAIS**

**GUARABIRA - PB  
2015**

**ELLEN HORTÊNCIA SILVA SANTOS**

**MULHERES NEGRAS INTELLECTUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Área de concentração: Humanas

Orientador: Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas

**GUARABIRA - PB  
2015**

## Ficha catalográfica

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237m Santos, Ellen Hortência Silva  
Mulheres negras intelectuais [manuscrito] / Ellen Hortência  
Silva Santos. - 2015.  
53 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.  
"Orientação: Waldeci Ferreira Chagas, Departamento de  
História".

1. Mulher negra. 2. Intelectualidade. 3. Racismo. I. Título.  
21. ed. CDD 305.4

ELLEN HORTÊNCIA SILVA SANTOS

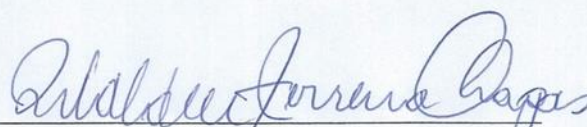
**MULHERES NEGRAS INTELLECTUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

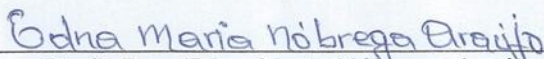
Área de concentração: Humanas

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

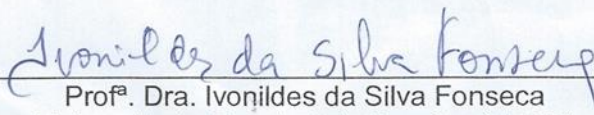
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>a</sup>. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>a</sup>. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, pela dedicação,  
companheirismo e amizade, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

A Naira Ferraz, coordenadora do curso de História, por seu empenho.

Ao professor Waldeci F. Chagas pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A minha mãe Luzia Barbosa, a minha filha Laura Louise, principais motivadoras para minha formação superior, aos irmãos e sobrinhos pelo respeito a minha graduação, a Camila Nascimento, Aline Santiago, Djanira Menezes, Tercilio Noberto, Teiky Almeida, Andreia Gomes e Roseane Lucena pelo incentivo nos momentos difíceis.

Aos professores do Curso de História da UEPB, em especial, Marisa Tayra Teruya, José Elson Carvalho, Edna Nobrega, Ivonildes Fonseca, Rosilene Agapito, Carlos Adriano, Mariagela Nunes, Fabio Dantas e Naiara Ferraz, que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, Lutelcia Paiva Teixeira, Maria José de Paula g. Almeida e Diego Wagner Paulino Coutinho Pereira, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, onde uns se tornaram verdadeiros irmãos.

“A vida intelectual sempre esteve ligada a  
carreira do ensino. (Bell Hooks)

# MULHERES NEGRAS INTELECTUAIS

Ellen Hortência Silva Santos<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo é parte do Projeto de Pesquisa “Histórias de Mulheres Negras Paraibanas: a construção da identidade negra e afirmação da cidadania”, financiado pelo PIBIC/CNPQ. Com base nas leituras e discussões que realizamos durante a pesquisa percebemos que dentre a temática mulher negra existe uma questão que se faz necessária ser estudada, a qual é discutida no presente trabalho, trata-se da intelectualidade das mulheres negras. Estas produzem conhecimento, porém não são consideradas intelectuais por questões de pertencimento étnico e social. Desta feita na feitura deste trabalho interagimos com as leituras realizadas e as relacionamos com as entrevistas realizadas com duas professoras negras. A partir de então as delimitamos como provedoras de opiniões críticas que transformam o espaço da aprendizagem incluindo não apenas no curriculum, mas na metodologia do ensino, no discurso falado e ilustrado, que existe, uma cultura que é negada pela sociedade, num processo que vem desde a colonização, mas que a resistência pela mudança lhes permite hoje discutir as reais condições que submetem ou submeteram os negros e negras na sociedade brasileira. Sujeitadas a viver na subalternidade, os depoimentos nos mostram que a educação é salvadora para que ocorra o deslocamento social. Com as experiências relatadas é considerável vê-las sim como intelectuais, tanto por suas trajetórias de vidas dentro da educação, como pela suas atuações contemporâneas, buscando a mudança de conteúdo, do lugar determinado ao negro e a visibilidade de uma cultura. Desde o período da colonização do Brasil aos dias atuais, sabemos que essas mulheres, vêm rompendo barreiras e desde então adentrando em espaços que antes eram de predomínio masculino e de mulheres brancas. O objetivo é mostrar o deslocamento da mulher negra, mesmo em meio ao preconceito e como formaram resistências para continuarem se movimentando dentro da sociedade, subindo níveis a cima do que lhes era permitido. As trajetórias de vidas aqui relatadas nos possibilitaram a percepção do quanto o racismo e o preconceito de gênero ainda persistem nos ambientes em geral. Partimos da história da mulher/negra observando suas lutas e resistências, o seu deslocamento tendo a educação como provedora dessa ascensão e ilustramos os relatos de vida, possibilitando ao outro o conhecimento de histórias de vidas de professoras transformadoras, as intelectuais da sociedade.

**Palavras chave:** Mulher negra. Intelectualidade. Racismo.

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
Email: ellen.hortencia@hotmail.com



## 1- Introdução

A discussão sobre mulheres suscita muitas questões, e estas são decorrentes da condição do ser da mulher na sociedade contemporânea, um ser no plural e não singular como outrora ousaram definir. Os estudos sobre as mulheres negras trazem várias questões, a exemplo do acesso ao mercado de trabalho, violência, saúde, educação e participação na política. Porém as questões relacionadas à intelectualidade das mulheres não eram discutidas pela academia, e esta ainda era pouco visibilizada na sociedade. Quando se falava em mulheres negras, a compreensão recorrente na sociedade brasileira é a de que o seu conhecimento deveria estar centrado nos afazeres domésticos, entre eles o cuidado com as crianças. Não se imaginava uma mulher falando ou se quer opinando em assuntos dos quais julgavam que ela desconhecia, ou melhor, em assuntos em que não lhe era permitido opinar, a exemplo da educação e formação cidadã.

De acordo com a lógica da sociedade moderna, a condição do gênero feminino assegura às mulheres a obrigação do servilismo na relação com o homem. Na compreensão dos dirigentes da sociedade moderna os cuidados com os serviços domésticos eram uma obrigação das mulheres. Caso as mulheres assumissem a sua cidadania, a sociedade se tornaria uma catástrofe, sobretudo, se elas atuassem nos espaços de predominância masculina. Todavia, as praticas sociais das mulheres transformaram a realidade social. Não demorou e as mulheres passaram a acontecer, o que o machismo não esperava era o deslocamento das mulheres para o mercado de trabalho e a cena política do Brasil. O desfecho final dessa realidade foi outra: a ampliação das lutas das mulheres por direitos e igualdade social.

Desde a saída das mulheres do ambiente familiar/doméstico para o espaço público, a rua, estas quebraram os paradigmas da “obrigação feminina”, o que fez com que almejassem a equiparação dos direitos sociais com os homens e a igualdade de tratamento, ou seja, passaram a exigir que socialmente recebessem tratamento semelhante aos homens e tivessem seus direitos garantidos. Além disso, passaram a reivindicar o respeito pela sua capacidade crítica e agilidade em diferentes profissões, antes determinada como sendo masculina.

Em meio ao deslocamento social feminino estão às mulheres negras, estas também passaram a buscar seus direitos; direitos que não se resumiram apenas ao

lugar que lhe fora imposto há gerações, a exemplo dos trabalhos domésticos. As reivindicações das mulheres giraram em torno das questões sociais, e esta passou a ser a problemática das suas ações, sobretudo, porque estão em um grau mais elevado de exclusão nos mais variados espaços da sociedade.

As mulheres negras desde outrora lutaram pela garantia do direito de serem visibilizadas e a este direito agregaram outros, como o respeito a sua condição de mulher. Por serem mulheres e negras e por estarem inseridas na sociedade de classe estas possuem direitos, e não querem ser reconhecidas socialmente como minoria e inferior.

Por isso, a discussão que trazemos neste trabalho nos permite andar na contramão deste processo e mostrarmos o que é oculto na sociedade e na academia, qual seja a intelectualidade das mulheres negras. Todavia, estas ainda têm a sua história marcada pela negação social e cultural.

Logo, as suas trajetórias de vidas são definidas e marcadas por ações e lutas para acessarem a educação e construïrem espaços na sociedade. No entanto, como as mulheres negras resistiram ao sistema que às induziram a se negar etnicamente, enfrentando o racismo, lograram socialmente avançar na luta contra o preconceito racial, visto que, chegaram às universidades e se formaram.

Para as mulheres a educação é vista como promotora e garantidora de ascensão social, pois permite que enquanto sujeitos da história possamos discutir os problemas sociais, criticar o modelo sociopolítico vigente, opinar contra ou a favor, e ainda promover a movimentação das relações de poder.

Em consequência desse novo comportamento das mulheres e das mudanças que há cinco décadas vem ocorrendo no Brasil, à formação educacional é vista como fenômeno que promove. Não podemos negar que o acesso das mulheres à educação e a participação nos movimentos sociais, tornou-as capazes de reivindicar os seus direitos e assumirem-se como cidadãs. As mulheres passaram a acreditar que podem discutir e debater as questões que afligem o mundo tais como raça/etnia, gênero e classes sociais; questões que caminham conectadas.

Neste trabalho discutimos sobre as mulheres negras intelectuais de cunho ativista a partir do diálogo que estabelecemos com os diversos pesquisadores/as que trabalham com questões raciais e de gênero. As leituras realizadas contribuíram para esclarecermos dúvidas sobre a condição das mulheres negras na sociedade brasileira e também nos possibilitou a ampliação do conhecimento em uma área

acadêmica não tão explorada criticamente como deveria, visto que a instituição de ensino superior existe para formar cidadãos pensantes, independente de sexo e raça, mas nem sempre foi assim. Os/as autores/as com quem dialogamos utilizaram como metodologia a oralidade e a pesquisa de campo e assim se apropriaram dos depoimentos esclarecedores que de certa forma explica a condição socioeconômica de muitos afros brasileiros, sobretudo, das mulheres negras.

Neste sentido trabalhamos com a memória de duas mulheres negras, e professoras. Para tanto, recorreremos à história oral em especial a metodologia denominada de história de vida e a partir de então percorremos a trajetória de ambas até a universidade e revelamos como enfrentaram o preconceito racial. Ao longo do texto nos referimos as professoras nominalmente visto que elas permitiram, conforme o termo de concessão de entrevista a usarmos partes das entrevistas que nos foram concedidas<sup>2</sup>. Trata-se, portanto, das Professoras Lúcia de Fátima Júlio e Socorro Silva, ambas residentes na cidade de Alagoa Grande, Paraíba; cidade onde tiveram acesso à escola e depois se tornaram professoras da escola pública.

Para melhor possibilitar a compreensão da discussão que trazemos nesse artigo, o dividimos nas seguintes partes: 1- introdução, onde discutimos o início da pesquisa que suscitou nas mulheres negras. Neste trabalho elas são tomadas como sujeitos formadores de opiniões. Mesmo que não tenham escritas nem uma obra suas reflexões em sala de aula formam cidadãos. Na segunda parte, nos atemos à luta pelas quais passaram as mulheres negras no Brasil, e como elas viram na educação uma ferramenta da ascensão social. Na terceira parte, o foco são as duas Professoras, cujas trajetórias de vidas escolhemos para análise. Trata-se de duas professoras negras que promovem ações e discutem sobre o racismo. Elas contam-nos as suas experiências de enfrentamento ao racismo e como em meio à afirmação e negação construíram suas identidades de mulheres e negras. Na quarta parte mostramos os trajetos percorridos pelas mulheres negras na história do Brasil. Na quinta e última parte trazemos algumas considerações finais. Não são conclusões, pois é impossível concluir algo quando se tratam de experiências de vidas, mas é possível identificar nelas elementos que são relevantes para a compreensão do que é ser mulher negra e como esse ser social se construiu.

---

<sup>2</sup> Documentos em anexo.

## **2- As mulheres negras na sociedade brasileira: a luta por outros lugares**

Na história das mulheres negras no Brasil, o percurso que estas percorreram foi fomentado de estratégias contra as opressões raciais e de gênero. Desde a chegada das mulheres africanas no Brasil até nossa contemporaneidade os abusos cometidos contra elas e a exploração sexual a que foram submetidas atingiu o ápice da desumanização.

Tudo isso se fez em meio ao processo de escravização, o que significou o seu deslocamento para o mundo desconhecido, o que fez com que sua cultura sucumbisse e elas tenham se tornado serviçal sem vez e nem voz, muitas morreram e outras sobreviveram na “selva” onde a pessoa negra não passava de uma mercadoria. Na luta pela liberdade trilharam caminhos tortuosos, visto que enfrentaram humilhações, explorações e mortes. Todavia, resistiram e criaram suportes sociais que garantiram sua sobrevivência.

Os/as africanos (as) trazidos para o Brasil não eram pessoas ignorantes, estes dominavam diversos conhecimentos, tais como os saberes no campo da metalurgia, navegação e até mesmo inovação culinária. Os problemas decorrentes da escravidão surgiram em virtude do modelo de escravidão praticado pelos portugueses, cujas características foram à imposição das condições desumanas aos sujeitos escravizados, o que os levaram as mais diversas formas de resistências.

As mulheres negras estão inseridas neste contexto, visto que são herdeiras das africanas que aqui aportaram e foram submetidas à condição de escravizadas. Ao tratarmos das mulheres negras na história do Brasil percebemos que as considerações ao seu respeito são mínimas, principalmente no que concerne a sua atuação enquanto indivíduo pensante. No entanto, estas mulheres não compactuaram com a condição de exclusão pacificamente, elas resistiram. Por isso, pagaram um preço muito alto, o que pode ser percebido na condição socioeconômica das suas descendentes. Uma vez que ainda hoje a possibilidade de oportunidade social para as mulheres negras no mercado de trabalho é quase nenhuma. No mercado de trabalho sempre cobram o critério da boa aparência, e,

com ela um conjunto de exigências, o que demonstra a existência ainda que sutil do racismo, configurado na legitimação das mulheres negras como incapazes para ocupar algumas funções de destaque na sociedade.

Essa percepção acerca das mulheres negras é decorrente do modelo de liberdade que desde outrora proporcionaram as pessoas negras. Quando em 1888 a Lei Áurea foi assinada tornou unânime apenas a liberdade do corpo, mas não criaram condições e estratégias sociais de inserção delas na sociedade de classes. As pessoas negras ficaram a mercê da própria sorte, e sem condições de existência foram relegadas à pobreza; condição que ainda hoje está refletida na realidade social e econômica das mulheres negras. Libertas, mas excluídas da sociedade, as mulheres negras passaram a conviver com a miséria social, a marginalização e a discriminação racial e de gênero, para além disso,

Imersa nesse contexto, as mulheres negras ainda enfrentaram os preceitos machistas e patriarcais, o que lhe garantiu o lugar de inferioridade e relegou-a dos lugares de decisões sociais, políticas e econômicas (FERREIRA; SOARES, 2011).

Assim a sociedade brasileira que começou a edificar-se a partir do período colonial não levou em consideração as mulheres negras, e estas ainda que tenham participado diretamente do processo de produção das riquezas do Brasil e da construção da sociedade ficaram fora da pauta social, uma vez que na pirâmide da sociedade brasileira, as mulheres negras estão abaixo do homem branco, da mulher branca, e do homem negro, ou seja, estão na quarta posição.

Devido a esta condição, ao longo da história as mulheres negras têm enfrentado maiores dificuldades na vida e em todos os aspectos sociais, o que fez com que tenham chegado ao século XX em condição de vulnerabilidade, e ainda encontre dificuldade de acesso, por exemplo, ao sistema educacional, situação que está relacionada à condição a que as pessoas negras em geral viviam, visto que no período colonial e imperial da história do Brasil não era permitido aos/as negros/as o direito de estudar, exceto, com a permissão das autoridades e senhores/as.

No pós-abolição, a condição das mulheres negras pouco mudou, livres, continuaram submissas e, na luta pela sobrevivência, continuaram exploradas. Pois, foram obrigadas a submeterem-se a funções desqualificadas para assim garantir a sua sobrevivência e dos seus filhos/as, no entanto, nesse contexto,

As dificuldades não foram exclusividade das mulheres negras, mas das pessoas negras em geral. Devido às péssimas condições financeiras e por as escolas se localizarem distante dos arrabaldes onde moravam as pessoas negras foram excluídas do sistema educacional, o que contribuiu para impedir que aprendessem a ler e escrever e se qualificassem para o mercado de trabalho assalariado (GOMES, 1999).

Em meio a essa realidade as mulheres negras foram à luta na busca por melhores condições de vida, ou seja, agiram na perspectiva de transformar a realidade de exclusão a que estavam submetidas, desse modo, assumiram-se sujeitos da própria história e passaram a enfrentar o preconceito da sociedade que insistia em vê-las como incapazes. A luta empreendida assumiu sentido, pois, além de ter lhes possibilitado a cidadania, permitiu sobretudo, a possibilidade de que elas afirmassem-se mulher. Condição que é corroborada na afirmação de Certeau, quando diz que: “[...] não nos basta ser autor de práticas sociais, é preciso que estas práticas sociais tenham significados para aquele que as realiza [...]” (CERTEAU, 1995, p.141, Apud CAVALCANTE, 2012).

Portanto, há um fazer das mulheres negras na sociedade brasileira que passa pela intelectualidade, ou seja, pela construção de ideias e formação. Isso demonstra que o percurso percorrido por elas foi longo e árduo, no entanto, eficaz, visto que têm lhes garantido a construção de espaço na sociedade, e, sobretudo, influenciado o pensamento social com relação ao enfrentamento do preconceito racial.

No entanto, falar sobre mulheres negras intelectuais causa polêmica, este tema gera confrontos políticos, sexistas e racistas nos mais variados ambientes da sociedade brasileira, visto que esta ainda insiste em enxerga-las como incapazes de construção de ideias e assim interferir no pensamento social brasileiro.

Porém tal realidade não poderia ser diferente, haja vista o acesso à educação ter sido historicamente negado às mulheres negras (FERREIRA, SOARES 2011). A condição de submissão em relação ao homem branco, homem negro e mulher branca, tornaram as mulheres negras um ser socialmente desprezível, no entanto,

Mesmo abaixo de todos e submetidas à pobreza e a ignorância, as mulheres negras encontraram nos movimentos feministas e nos movimentos negros espaços para denunciar suas condições e reivindicar melhores dias para todos/as (FERREIRA, SOARES 2011).

A partir de 1970 as mulheres negras engajaram-se mais efetivamente nos movimentos políticos e sociais e continuaram a luta por direitos sociais, como o direito a educação. O objetivo maior era o de que o Estado assumisse as políticas públicas de modo a alcançar as pessoas negras e através destas, a exemplo da educação as mulheres negras, possibilitassem que elas ascendessem socialmente.

Segundo Giane Elisa Sales Almeida (2009) “a falta de políticas públicas é um dos fatores determinantes para a exclusão educacional dos diferentes grupos sociais nos quais as mulheres negras estão inseridas, o que está concretizado na condição de vida que estas apresentam”. Sobre essa questão a autora afirma ainda que:

Desde as décadas de 1950/1970 o preconceito contra as mulheres negras ganhou visibilidade em certos estados brasileiros. A partir de então elas perceberam que a sua condição na sociedade estava relacionada a um problema maior do que o financeiro, a questão racial. Embora umas poucas apresentassem condições que lhes garantissem o acesso à escola, mesmo assim foram proibidas de aprender a ler e escrever, apenas por serem negras. Tal condição interferiu na construção da identidade, visto que nem sempre puderam assumir que eram negras. (ALMEIDA, 2009)

Acerca dessa questão Irailda Leandro Silva (2011) afirma que “a construção da identidade das mulheres negras tem a contribuição da escola, uma vez que esta instituição deve orientar o sujeito para formação social, política e cultural”.

Nas décadas de 1980 e 1990 mesmo existindo um número reduzido de negros nas escolas, o preconceito permeava o imaginário social brasileiro, sendo ele por sua vez percebido tanto no discurso falado quanto escrito, assim como nas práticas e ações sociais das pessoas.

Com a expansão do direito de acesso a escola garantida pela Constituição Federal de 1988, as mulheres negras se depararam com outro problema, o direito conquistado não era a garantia de permanência na escola, outros fatores, a exemplo da condição social e do currículo inadequado promoveram a saída de muitas mulheres negras da escola.

Nos seus trabalhos as pesquisadoras Nilma Lino Gomes (1999), Giane Elisa Sales Almeida (2009) e Ana Claudia Lemos Pacheco (2011) mostraram que o acesso à escolaridade para as mulheres negras permitiriam-lhes o acesso ao conhecimento e a ascensão, todavia, as que desistiram de estudar trilharam um caminho difícil e continuaram sendo discriminadas, em sua maioria tornaram-se domésticas, e aquelas que conseguiram estudar e ter acesso ao conhecimento,

mesmo assim tornaram-se alvo de preconceito, visto que muitos na sociedade não aceitam dividir o mesmo espaço com uma mulher negra.

Não são apenas as mulheres negras que encontram dificuldades para se inserir na escola, os conteúdos que dizem respeito a sua história e cultura também. Nesse sentido, os conhecimentos pertinentes à história e a cultura afro-brasileira e africana também são negados na escola, visto que a comunidade escolar ainda resiste a mudar o currículo escolar e nele inserir tais conteúdos, cujo objetivo é desmistificar os estereótipos criados e impostos as pessoas negras, os quais naturalizam a mulher negra como inferior.

A condição social das pessoas negras tem despertado e promovido debates entre alguns segmentos da sociedade brasileira acerca da consciência e da negação do ser negro/a, assim como do preconceito racial existente no Brasil.

Contudo, ao longo da história do Brasil grupos dos movimentos sociais negros têm enfrentado os racistas, e atuado contra o preconceito racial e o machismo. Uma prática considerada violenta e ainda existente na sociedade brasileira desde o período escravocrata, e que tem massacrado homens e mulheres negras. Neste sentido, a luta dos movimentos sociais negros é contra a opressão, a discriminação, e, sobretudo, contra “a ideia de que mulheres e homens escravizados se submeteram passivamente aos interesses senhorias” (ROCHA, 2007, p.23).

A resistência à escravidão e a busca pela afirmação na sociedade se instalaram nas mais variadas regiões do Brasil, o que fez com que homens negros e mulheres negras tenham ido à luta pela sua liberdade e assim construíssem suas identidades. Mas a sociedade insistia em negá-los e não levava em consideração a sua condição de forro ou escravizado, contudo,

Mesmo assim as mulheres negras agiram na sociedade no sentido de mudar sua realidade social e econômica. Analisando as mudanças ocorridas na sociedade brasileira, sobretudo, no que diz respeito ao deslocamento social feminino (PACHECO, 2009).

Pacheco (2009) discute a teoria de dois estudiosos e evoca na sua pesquisa, o pensamento crítico de ambos, pois mostram que mesmo a mulher sendo subalternizada, mulheres negras se intelectualizaram, ou seja, quebraram as barreiras que lhes foram impostas. Existem mulheres negras com grandes capacidades intelectuais, no entanto, estão silenciadas de alguma forma. Ao tratar



do deslocamento espacial da mulher na sociedade brasileira vale ressaltar que mesmo as que não ascenderam no campo educacional, compreenderam que os problemas que lhes eram impostos eram maiores do que a necessidade de sobreviver, de se manterem socialmente.

O medo dos não negros era o de que as mulheres negras permanecessem ascendendo nas produções intelectuais, no mercado de trabalho e na vida. Esse temor evidencia que a relação entre brancos e negros na sociedade é conflituosa.

O surgimento do feminismo negro apareceu de fato no Brasil no século XX, porém como um movimento ainda menos importante enquanto agente transformador ativo. Foi então nas décadas de 1970 e 1980 que os primeiros trabalhos a respeito das mulheres negras começaram a ser publicados. A produção do conhecimento neste período acompanhavam as ações dos movimentos sociais, inclusive os feministas.

Desta feita a construção da intelectualidade feminina negra incluiu na sua vida pessoal o isolamento afetivo e a valorização do compromisso com o outro. Os escritos são uma parte da intelectualidade que se completa com os movimentos ativos sociais na sociedade brasileira, os quais lutam por espaços há décadas negados as mulheres negras.

As constantes atividades políticas nas quais passaram a se envolver possibilitaram às mulheres negras a construção de suas identidades étnicas raciais e de gênero, o que as fez sair do lugar subalterno para outros espaços sociais que lhes são de direito, a exemplo da educação superior.

Nesse sentido, Silvana Verissimo (2008) percebe que “mesmo com o aumento no índice do acesso das mulheres negras a educação básica e superior, o preconceito racial e de gênero continua a existir no Brasil”. As mulheres negras são perseguidas dentro da instituição educacional devido seu posicionamento social e político; geralmente são esquecidas como indivíduos, ignoradas por sua raça/etnia, e pelas ideias que defendem.

É perceptível o avanço das mulheres negras na sociedade brasileira no que diz respeito ao acesso a educação. Estas, têm se destacado em diferentes setores, todavia, com elas acompanha a discriminação que as estigmatizam de inferiores.

Segundo Pacheco (2011) “a construção hierárquica racial e de gênero, delinea lugares sociais determinados às mulheres negras e as representações que as situam no meio acadêmico”.

Aline Santos Ferreira e Emanuel Luís Roque Soares (2011) afirmam que “fica evidente que a sociedade reconhece as mulheres negras, entretanto elas precisam está na condição de doméstica”, este emprego criou um determinismo de incapacidade intelectual, subordinado e de baixo prestígio social.

O espaço do trabalho doméstico é uma área profissional composta em sua maioria por mulheres negras, entretanto, os estudos mostram que estas saíram da condição de escravizada, e passaram a empregada doméstica. Todavia, o investimento na aprendizagem significativamente faz mudar os valores e a conquista de outro lugar no mercado de trabalho, a exemplo de professora.

Na realidade social brasileira é visivelmente perceptível que quanto mais se produz estereótipos marginalizados sobre os negros(as) mais ainda cresce o número de vítimas da violência, isso nos mostra que

A mídia apresenta uma diversidade de representações racistas acerca das mulheres negras impressionante, todas inferiorizadas, o que dar a entender que as mulheres negras nasceram para servidão e estão submetidas a toda e qualquer situação, sobretudo, porque a maioria vitimada sofreu e sofre com a exclusão educacional e socioeconômica, e é vulnerável a violência doméstica, psicológica e sexual (VERISSIMO, 2008).

As professoras negras muitas vezes são consideradas boas profissionais, como recompensa dão-lhes uma espécie de parentesco distante dos alunos/as e chamam-nas de “Tias”. De certo modo o sistema introduz no imaginário social que chama-las de “tias” quebra com o preconceito que se tem contra elas, quando na verdade só reforça, pois lhes negam também a condição profissional.

O espaço escolar vivenciado pelas mulheres negras, também foi um espaço estreito, de perseguição, negação, e desistências. Isso ocorreu por que o pensamento acerca do papel social da escola está centrado nos fatos internos, descontextualizado das relações fora do campo escolar. Pois bem, a escola em hipótese alguma pode ser administrada na neutralidade, por que todos (as) que dela participam são movidos por ações políticas, sendo assim,

Desta feita, a construção da identidade racial deveria partir da escola, mas os efeitos dos contatos que as pessoas negras têm com a escola são demarcados por um longo processo de negação de si mesmo e do pertencimento racial, o que lhes proporcionam as percepções mais negativas de toda sua história (GOMES, 1996).

As crianças negras que ingressam na escola passam por um longo processo de rejeição racial, ao chegar à fase adulta dão prioridade à política do branqueamento, e ao atuarem profissionalmente vivenciam acontecimentos constrangedores do racismo, pois se negam como negras, e não são aceitas como brancas.

Quando a questão identitária e racial não são trabalhadas, o fato se repete, pois o distanciamento da realidade racial para alguns profissionais negros (as) da educação é visto como mais uma forma de se negar, o problema é percebido nos constrangimentos vividos, o que faz com que se neguem, visto que a negação é o caminho para não sofrerem mais com o racismo.

O racismo atua dentro do ambiente escolar e é percebido além das ofensas expressas, ele está nas entre linhas faciais com caras e bocas, os gestos denunciam o incomodo por no espaço da sala de aula existir um negro (a) opinando. Então aceitar-se enquanto negro/a numa sociedade que nos ensinou a anular-se é uma tarefa dolorosa e difícil. Nas instituições de ensino a complexidade racial ganha veracidade maior, por que ela ignora os fatos ocorridos fora dela e trata na maioria das vezes o preconceito como se ele inexistisse dentro da escola. Desta feita torna-se fragmentada a identidade dos profissionais negros (as) que trabalham com a educação, os/as alunos/as negros (as) também se confundem por que são associados culturalmente a uma etnia subalterna. Essas atitudes combatem qualquer motivação deles/as afirmarem-se tais quais.

O fato de atuar enquanto sujeito pensante e transformador das ações negativadas na escola requer inteiração entre professores/as e alunos/as, de modo que todos exerçam seus papéis de cidadãos movidos pelas ações socioculturais, políticas e econômicas, visto que é dentro da escola que tem início a promoção de temáticas interligadas aos participantes da instituição escola, desde pais, mães, alunos/as, funcionários/as, professores/as e secretarias de educação.

Desta feita o diálogo que estabelecemos com os/as autores/as aqui citados/as nos acrescentaram elementos para compreender a trajetória das mulheres negras e suas ações na sociedade, sobretudo, as professoras negras produtoras de opiniões e formadoras de cidadãos dentro e fora da escola. Uma vez que pensamos a educação como processo que não ocorre no espaço institucional denominado escola, mas está presente em todas as ações que as mulheres negras desenvolvem na sociedade.

Pensada assim, independente da escola, a educação é uma prática social e, seguramente, a mais importante por que em qualquer espaço de existência, ninguém escapa dos processos educativos. A educação, em seu sentido mais amplo, surge como a grande possibilidade de conscientização. (SILVA, 2010).

A partir desta afirmação podemos perceber que ser educado não é necessariamente ir a uma escola, pois podemos aprender a partir da leitura de mundo, da percepção das coisas que estão a nossa volta, contudo, a escola promove discussão que devem mediar juntamente com a experiência dos indivíduos toda e qualquer situação, dar orientação de respeito a qualquer tipo de diferença que interaja entre os sujeitos seja ele racial, de gênero ou sexual.

A marginalização do sujeito negro na sociedade é permanente e abusiva, principalmente quando a mídia expõe a criminalidade absurda, onde o/a negro/a está em grande número e é apontado como sendo produtores da bandidagem. A mídia o coloca na condição sub-humana como se todo/a negro/a fosse bandido e morador dos morros. As mídias de telecomunicações ignoram que o maior número do contingente de cidadãos no Brasil é formado por negros/as, mas não é por a população negra ser maioria que todos (as) são criminosos/as e cúmplices.

Os homens e mulheres negras quando se destacam na sociedade, de certa forma, não ganham tanta visibilidade e destaque, sempre ganham lugares subalternos nas telenovelas, minisséries e filmes, como se eles fossem predestinados a viver ali, na condição de serviçal, de servir ao outro. Quando ocorre de ele/a ascender geralmente à conotação de ascensão vem como se o/a negro/a efetuasse alguma coisa criminosa para obter dinheiro e prestígio social. A representação é ainda danosa quando responsabilizam os/as negros/as por não frequentarem a escola, chamam-nos de vândalos.

Nas relações cotidianas percebemos que a transformação da posição social das pessoas negras está associada à educação, principalmente entre as mulheres. O acesso ao magistério permitiu as mulheres negras circularem por toda a sociedade, e, sobretudo, se utilizar dessa condição para buscar seus direitos e ampliar aos demais, visto que muitos desconhecem.

A educação permite o deslocamento social, abre oportunidades em espaços aonde por razões raciais e discriminatórias negros/as eram barrados/as. Por mais que a escola ainda seja excludente, se faz necessário que as pessoas negras a

busquem e dela se aproprie, principalmente as mulheres negras. As mulheres negras que se intelectualizaram venceram a barreira da submissão, ganharam visibilidade social e legitimaram os “movimentos que auxiliam na luta contra a discriminação da mulher negra que está em total desvantagem na sociedade em relação tanto aos homens quanto as mulheres brancas em diversos segmentos sociais” (MANSON, 2010).

Apesar de a escola ser importante não podemos esquecer que várias mulheres negras abandonaram as possibilidades do crescimento educacional por razões cruciais, a exemplo do fato de ser a única responsável pela manutenção geral de suas famílias. Ao longo da história as mulheres negras têm negado a sua condição e criado oportunidades para si na busca por melhores condições de vida, a partir da educação. Todavia, a sociedade que se diz democrática e propaga a igualdade para todos/as não foi suficientemente capaz de criar condições de acesso para todos/as em todos os espaços sociais.

Apesar da existência de leis que punem o racismo, esse, ainda é uma realidade na sociedade brasileira e um mal a ser combatido. Por isso, a educação é necessária. Com isso não defendemos a ideia de que a educação seja a única responsável pelas transformações sociais, mas pode colaborar para que estas se efetivem.

Nesse processo não podemos negar as mais diversas grandes lutas de resistência desencadeadas pelos movimentos sociais negros, o que levou o governo brasileiro a criar projetos sociais, a exemplo do Projeto de Educação para Jovens e Adultos, oficialmente colocado em prática desde 1945 (MANSON, 2010).

Este projeto foi lançado como mobilizador da alfabetização e inclusão social de todos e todas que desejassem participar do progresso do Brasil, e assim se constituiu no espaço onde muitos jovens e adultos negros aproveitaram para retornar os estudos. Todavia, o propósito do sistema era a formação para o trabalho e não a formação de cidadãos críticos. A perspectiva era formar simples trabalhadores, ou seja, formar trabalhadores que lessem e escrevessem, mas não fossem conhecedores suficientes dos seus direitos.

Em 1930 e 1940, as escolas se expandiram e se tornaram espaços de acesso aos bens culturais, porém isso não era algo que naquele momento interessava ao governo. A escola como promotora da circulação cultural foi idealizada por alguns como ferramenta capaz de promover mudanças na sociedade, sobretudo, incluir os

excluídos socialmente. Nessa perspectiva o ensino promoveria a ascensão de homens e mulheres, brancos e negros, de diferentes classes sociais elevaria a qualidade da mão de obra estenderia as especializações e diversificaria a sociedade em todo ambiente, possibilitando aos sujeitos outra visão de mundo.

Nesse contexto o ensino destinado às mulheres tinha como propósito legitimar o papel social instituído para mulher, ou seja, o de manter e reproduzir a família. Condição destinada a todas as mulheres, porém as mulheres negras agregavam a condição de subalternas, quando comparadas as mulheres brancas. Às mulheres cabiam a responsabilidade dos cuidados domésticos, estas deveriam ser a sua “faculdade intelectual”, além dos cuidados com os filhos e os afazeres domésticos. Contudo no final do século XIX as mulheres ganharam o direito de estudar, sobretudo, de ingressar no ensino superior. No entanto, o direito de estudar ficou restrito as mulheres brancas.

À medida que a mulher branca saiu de casa para estudar e trabalhar, a mulher negra passou a ocupar carga horária de trabalho redobrada nas obrigações domésticas deixadas pelas mulheres brancas. As mulheres negras passaram a ser estigmatizadas pela cor, e o serviço doméstico definido como seu, o que lhes deixou na condição de subalternizadas. Enquanto as mulheres brancas estas “começaram a aumentar a sua presença naquelas carreiras como mais tradicionais” (QUEIROZ, s/d, p.2).

Mesmo assim o secundaríssimo foi imposto as mulheres e estabelecido como uma espécie de cuidado, zelo, proteção para com o outro, razão porque quando do acesso ao ensino superior estas se concentraram nos cursos de ciências humanas. Mas “na Bahia, desde o início do século XX, já se poderia perceber a presença de algumas mulheres nos cursos de Medicina, Direito e Engenharia” (QUEIROZ, s/d, p. 2). Esta visibilidade foi comum na UFBA, pois as universidades em sua maioria viviam o patriarcado do homem como provedor e possuidor da sabedoria, e do poder central.

De certo modo, o acesso da mulher ao ensino, possibilitou que mulheres negras se transformassem de educadoras das senzalas em mulheres cultas, na maioria das vezes elas tiveram a profissão de docente como a única oportunidade para libertar-se da opressão (FERREIRA, SOARES, 2011, p.1).

Estas, passam a aumentar o número de mulheres que tiveram acesso às universidades, um processo que foi conquistado ao longo dos séculos. Com isso, mantiveram a ênfase nas suas pretensões, quais sejam transformar a sua realidade e a dos seus filhos e netos, principalmente se opondo as discriminações que lhes eram impostas. Todavia, “à luta contra a discriminação sofrida pela mulher negra não pode e nem deve ser vista como apêndice do avanço de consciências provocado pelo movimento feminista” (MNU, 1990, p.6).

Para cada momento um grupo de minorias lutou separadamente na perspectiva de realização dos seus objetivos diferenciados; os movimentos feministas, por exemplo, objetivava o direito da mulher em si, suas igualdades. Enquanto o movimento negro levantou várias questões nas mais diversas circunstâncias que estavam relacionadas com o indivíduo negro (a), e ambos abriram espaços para as mulheres excluídas, em especial as negras.

Na sociedade brasileira do século XX já não havia espaços apenas para os homens, o gênero feminino fragmentou o universo do ensino, e também entrou em cena, o que fez com que o preconceito tenha deixado de ser apenas contra a raça, e passasse a ser também contra o gênero. Se as mulheres não levaram o adjetivo de brilhante e nem de terem potencial, as mulheres negras foram criticadas por estarem num espaço que não lhe era apropriado socialmente. Passou a ser perceptível o grau de dificuldades que as negras tiveram que percorrer para sair da submissão masculina e de todo o estereótipo formulado a seu respeito, o impedimento do seu crescimento passou a ser constantemente questionado.

Os grupos políticos organizados pelas minorias sociais abriram espaços para todos aqueles que estavam oprimidos, dando-lhes o direito de reivindicar. As bandeiras políticas dos movimentos sociais negros fizeram ecoar a voz dos oprimidos que se levantaram contra o opressor, mesmo assim o preconceito racial ainda faz muita vítima, inclusive entre as mulheres negras.

Na luta das mulheres negras por conquistas de espaços sociais, a educação não é uma mera ferramenta para se obter um título, a questão é fazer-la valer no conhecimento dos direitos. Quando a mulher negra evoluiu a partir do magistério, isso significa dizer que outros obstáculos foram ultrapassados. Obter informações e saber utilizar como ferramenta é se transferir de um lugar para outro, o que antes não lhe era permitido. Então muitos se desfazem do poder que a educação superior pode proporcionar, por acharem que ela só oferece títulos de graduação.

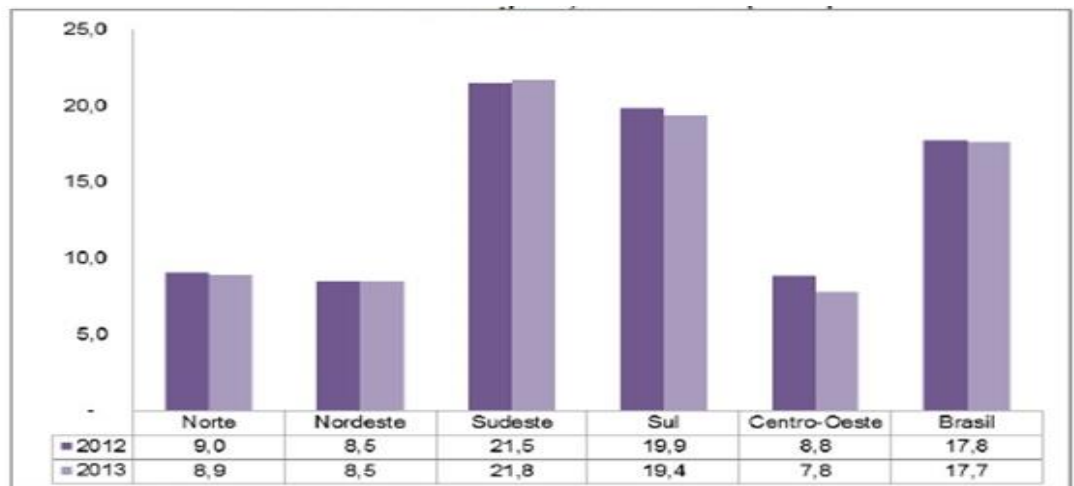
A postura da sociedade nem sempre corresponde ao que os movimentos sociais negros reivindicam, uma vez que setores da sociedade insistem em impor poderes racistas e machistas, quando as “mudanças culturais devem dar conta de colocar as mulheres negras em condições de igualdade perante a sociedade mais ampla” (FERREIRA, SOUSA, 2011, p.9).

Com a expansão do ensino superior no Brasil, cresceram as chances de as mulheres ingressarem nas universidades, sejam públicas ou particulares. Com isso as mulheres negras passaram a gozar de oportunidades nos variados cursos antes não permitidos o acesso. Isso fez com que se intelectualizassem nas diversas áreas do conhecimento. As mulheres de modo geral expandiram seus conhecimentos e passaram a dialogar com outras carreiras profissionais, “atualmente a mulher desempenha um papel de igualdade com o homem na sociedade, tem direitos garantidos por lei que lhe garantem a igualdade entre os sexos” (BEZERRA, s/d, p.1), porém essa realidade igualitária na prática não funciona. Podemos perceber a diferença no cargo a ser ocupado e no próprio salário. Então no papel existe a igualdade, aonde vamos comprovar que de fato não existe em sua totalidade.

O contingente feminino nas áreas de conhecimento tidas como masculinas cresceu, junto ao crescimento está a questão do gênero e a questão racial, pois as negras também fazem parte desse movimento de luta que abriu portas e oportunidades a ascensão. Apesar dos impedimentos e discursos racistas sobre o lugar das mulheres negras na sociedade, é constante as lutas dessas mulheres na busca por igualdades. Sua luta é dupla, pois tem que superar o preconceito racial e de gênero em todas as classes onde estiver. Por mais que as mulheres negras lutem e resistam ao preconceito, infelizmente nas estatísticas estas ainda ocupam os lugares mais baixos nos cargos tidos de prestígios, o que também fica evidente que para as mulheres não negras ocupar lugares privilegiados também gera conflito, já que o discurso machista sucumbe a capacidade desenvolvimentista da mulher em geral. No gráfico a seguir é perceptível analisar por região e gênero as desigualdades que ainda persiste entre homens e mulheres.

**Tabela 1 – Diferença de remuneração média recebida pelas mulheres em relação aos homens (Brasil e Grandes regiões, 2012 e 2013 (em%))**







Fonte: MTE. Rais

Elaboração: DIEESE

Notas: 1) Os valores monetários referem-se à remuneração em dezembro dos vínculos ativos em 31/12 de cada ano. Os valores monetários foram corrigidos pelo INPC/IBGE, em R\$ de dezembro de 2013 e seu cálculo exclui os vínculos empregatícios formais sem declaração de renda.

2) Significa a diferença entre os rendimentos das mulheres e dos homens, revelada como porcentagem dos rendimentos dos homens

**Fonte: Dieese, 2014**

Homens   
Mulheres 

Entre as mulheres negras a necessidade de trabalhar na maioria das vezes é primordial, o estudo torna-se segundo plano. Mesmo assim as mulheres negras não perderam o desejo e nem a vontade de aprender, e de ascender culturalmente.

[...] o fenômeno da dupla discriminação: ou seja: estão sujeitos às múltiplas formas de discriminação social em consequência da conjugação perversa do racismo e do sexíssimo [...] (RODRIGUES, 2008).

A educação é apontada como a “tábua de salvação”, ou seja, a responsável pelas grandes transformações humanas, o que nem sempre é possível. Discutindo sobre essa questão Rodrigues (2008) na sua pesquisa faz menção as mulheres negras albergadas, e ao analisar o grau educacional das depoentes aponta a falta que o ensino lhes faz. Contudo, percebe que as mesmas são informadas dos direitos que têm, conhecem que existe o preconceito até mesmo ali dentro da cadeia, situações aonde a negra albergada perde a vez para a albergada branca.

Para Rodrigues (2008) “trata-se de uma ação denotativa da maneira como as albergadas leem o mundo e a partir dele como compreende os problemas que estão a sua volta, principalmente os que lhes atingem”. Os problemas a sua volta são

vistos com indiferenças ou são interpretados. Mesmo pagando pelos delitos cometidos, o desejo das albergadas é de uma vida melhor para si e seus filhos e nesse processo o estudo é apontado como inquestionável, ou seja, é quem possibilitará uma vida melhor.

Outra problemática que aparece no estudo de Rodrigues (2008) quando este analisa a ascensão das mulheres negras enquanto intelectual é a solidão. Esta é sua principal companheira, pois assumir uma identidade étnica, lutar pelos direitos, ser uma participante dos movimentos causa em muitos homens estranheza, “medo”, por que elas se destacam no conhecimento, e calar não é seu forte. Por isso, muitas optam por estarem sós e cuidarem dos filhos a ter que se submeter a um homem.

Na sua análise Rodrigues (2008) também percebe o preconceito contra as mulheres negras dentro de casa. Muitos maridos não aceitam que suas esposas sejam de alguma forma superior. Essa atitude resquício do patriarcalismo leva essa pesquisadora a concluir que há mulheres que preferem ficar solteiras a terem que negar os seus objetivos alcançados. As prioridades selecionadas por estas mulheres resultam no aperfeiçoamento das metas, das lutas por direitos, por agora ter o poder da palavra para dialogar, discutir e debater.

Muitas destas mulheres estão no mercado de trabalho, tem salário e autonomia e não querem abrir mão dessa condição. “Assim, a mulher ao ser inserida no mercado de trabalho passa a ter dupla ou até tripla jornada de trabalho já que não consegue livrar-se do trabalho doméstico” (NEVES, 2008, p. 1). Infelizmente a falta de compreensão dentro de casa, também reflete no desejo de permanecerem sozinhas, pois se torna difícil quando os companheiros não entendem e nem respeitam o espaço que as mulheres conquistaram.

Na maioria das vezes as mulheres negras buscam visibilidade na luta junto aos movimentos feministas, muitas delas defendem conceitos diferentes, mais tem como meta a sua ascensão e a saída dos lugares desprestigiados.

Intelectuais negras quando ascendem expõem suas histórias aos lugares antes negados. A partir dessa perspectiva de resistência montam ferramentas de defesa e argumentação, trazem para discussão as suas experiências, a exemplo das negras intelectuais que escolheram a licenciatura como “arma” para combater a discriminação. Suas capacidades intelectuais são percebidas na evidenciação de suas compreensões acerca do racismo e preconceito racial. Elas se utilizam do saber que adquiriram na universidade e também das experiências vividas para

produzir conhecimentos e para lutarem e fazer lutar aqueles irmãos de cor que desconhecem o valor da cultura afro-brasileira e africana, e assim delineiam as formas de luta contra as imagens negativas com que são vistas pela sociedade.

### **3- Professoras, Mulheres Negras e Intelectuais**

As personagens dessa trama relataram suas experiências de vidas, a construção de suas identidades, as dificuldades enfrentadas, e como ao longo da vida criaram muros de proteção para se defenderem da sociedade que fere e exclui. Isso inferiu nos seus comportamentos e relacionamentos familiares e afetivos. Elas nos possibilitaram perceber o tamanho da sua resistência para se deslocar socialmente e serem visibilizadas, uma tarefa um tanto árdua.

A educação para as mulheres é uma ferramenta poderosa de deslocamento, com ela é possível lutar, reivindicar, expor a cultura, ascender socialmente. Os relatos de experiências confirmam isso quando a Professora Lúcia Júlio cita como exemplo seu pai, que a incentivava a estudar como necessidade a obtenção de melhores condições de vida.

Quer dizer: isso o fortaleceu a nos orientar pra gente estudar e lutar pra condições melhores na vida. Porque ele nunca escondeu o que ele passou dentro do quartel não, nas delegacias e como ele era enviado para as cidades onde existiam problemas. E quando esses problemas eram resolvidos ele era retirado e voltava pro quartel. Ele ensinou que pra gente sobreviver nessa sociedade e ter condições de vida melhores nós teríamos que estudar. Agora foi uma parte também dura, porque ele... Vamos dizer nos ensinou a não confiar nas pessoas, a construir muros. E essa construção de muros ela sempre me afastou das pessoas. (Entrevista concedida pela Professora Lúcia de Fatima Júlio, em 14 de Dez de 2012).

Neste caso específico dentro da família como relata a Professora Lúcia Júlio era trabalhada a questão racial, e por ter exemplo maior como o do seu pai, estudar era fundamental, e não deixar se levar pelas pessoas também. Isso ocasionou o seu afastamento das pessoas, mas a impulsionou a lutar por seu espaço. E hoje após toda essa luta que vem de infância ela diz:

Eu me vejo na sociedade de hoje ainda muito invisibilizada. Tanto nas questões do trabalho, como é na sociedade de maneira geral, a política, a social, a econômica. E porque é que eu sinto essa invisibilidade? Porque as

peças ainda não estão acostumadas a vê um profissional negro ou negra que tenham algum destaque. E infelizmente ela passa a procurar a desqualificar e a não valorizar o seu trabalho profissional, e até também a sua vida social (Entrevista concedida pela Professora Lúcia de Fatima Júlio, em 14 de Dez de 2012).

Os relatos da Professora Socorro Silva diferem dos da Professora Lúcia Júlio, sobretudo, na questão familiar, pois na casa da Professora Socorro Silva não se tinha muito o diálogo sobre identidade, pertencimento étnico-racial, havia sim o racismo, mais essa percepção da discriminação só foi adquirida depois, no entanto, para ela, a educação também foi primordial para a construção de sua identidade étnica e ascensão profissional e social.

Pois a partir de então ela pode perceber que aquela dor de sempre ser a culpada, acusada pelos familiares de algo, nada mais era do que o preconceito que a excluía até mesmo do meio familiar, agregado também ao machismo, já que a mesma era a única menina. Não havia um diálogo sobre preconceito então ela diz:

E sobre a minha família, desde pequena que eu tenho discriminação dentro da minha família. Primeiro a minha família, as pessoas não são negras. O negro era meu pai. A família da minha mãe era todo mundo muito branco. Na época daquele povo antigo que negro para ele não valia nada. Meu avô era galego do olho azul e minha mãe casou com meu pai, que a família não queria de jeito nenhum. E por aí começou. Eu nasci igual a meu pai. E na própria família meus primos, todo mundo: tudo que eu fazia: é a nega, foi à nega. Tudo era a negra. Você ficava sabe. Você tinha medo de tudo, porque tudo no mundo dizia que era você. E pensa como doía esse nome de negra. Doía tanto quando o pessoal dizia. Procura apelido de toda qualidade pra colocar em você. Né? Eu lembro que meu avô era a pessoa que ficava com maior cuidado porque eu era a única mulher e naquela época os homens também tinham mais cuidado com mulher. Apesar de ser negra, mas eu era mulher, ele tinha cuidado por que... E eu fui crescendo, as irmãs de mamãe, quando arengavam entre os meninos diziam: foi à nega de fulana. Quer dizer, você vai se acostumando com aquela história. E você tem medo. (Entrevista concedida pela professora Maria do Socorro Gomes Silva em 14 de Dez de 2012).

Ao frisar a relação com as pessoas, entendemos que este processo vivenciado pela professora Lúcia Júlio foi transferido como forma de proteção, pois ações preconceituosas e racistas já haviam ocorridos na infância de seu pai, daí a questão dos muros que ela criou para se proteger do preconceito. Este não surgiu por caso, há sempre um fato anterior que precede a ação presente. Os muros além de protegê-la lhe permitiram ver o mundo de outra forma, como se pudessem enxergar o problema de fora, e então criar escudos, estratégias de defesa contra o mal que a excluía.

Quando ele já estava próximo a partir ele uma vez, ele me disse que ele fugiu da escola, porque quando ele chegava à escola a professora o colocava na última carteira que tinha na sala de aula. E ele não poderia abrir a boca pra falar nada. Era uma pessoa invisível dentro da sala de aula. E é por isso que eu entendo como ele procurou até assim nos proteger não sabe. Essa questão de eu criar meus muros, as minhas dificuldades foi uma questão dele, ele fez pra mim proteger mesmo, de proteção. Quanto a mim ele não falava diretamente assim: Lúcia nós somos negros, mas eu sempre tive isso presente. (Entrevista concedida pela Professora Lúcia de Fátima Júlio, em 14 de Dez de 2012).

Os efeitos causados pela discriminação são aterrorizadores, uns buscam os seus direitos e resistem ao sistema racista, machista e preconceituoso e outros preferem o anonimato, muitas pessoas não se afirmam, pois o impacto do discurso que inferioriza os negros causa rejeição. Para a Professora Lúcia Júlio foi doloroso e muito forte, marcado por um episódio de lágrimas, uma rejeição comparativa que ela sofreu na escola:

Se você me perguntar assim: o que é que você lembra-se do infantil e primário? O que lembro é que quando cheguei à escola. Assim. Até hoje eu me emociono. Eu sou chorona. É eu assim muito feliz porque estava de farda, aquela farda com saia prensada. Quando eu cheguei assim no grupo de menina assim, uma disse: ela é da cor da farda. E até hoje isso me choca. E é por isso, que. (Pausa e choro). Trabalhar história e cultura afro-brasileira é um compromisso de vida, porque eu não gostaria que crianças passassem pelo que eu passei não. Isso aí foi só o começo né. Ai você é invisibilizada nas brincadeiras. (Entrevista concedida pela professora Lúcia de Fatima Júlio, em 14 de Dez de 2012).

Esse fato dentre tantos outros ocorridos na trajetória de vida da Professora Lúcia Júlio fez com que a sua produção intelectual estivesse pautada para a mudança direta, para que crianças não sofressem a degradação humana por causa da sua cor, e da classe social.

Torna-se interessante pensarmos que desde 2003 quando foi criada a Lei 10.639 que obrigatoriamente o ensino da cultura africana e afro brasileira deve constar em sala de aula, antes já existia resoluções que obrigava também o ensino da cultura, infelizmente são poucos os profissionais que aderiram a essa mudança no curriculum.

Ao continuar o diálogo vemos que em cada fase da vida escolar as professoras sofreram formas implícitas e explícitas de discriminações. Essa situação só veio a amenizar quando adentraram no ensino médio da escola pública. Ambas se identificaram com outras pessoas negras e começaram a aceitar que aquela forma de exclusão não se dava individualmente, era coletivo para todos e todas as negras

(os) da escola. Chegando ao término do ensino médio o próximo passo fora o vestibular, e lá na universidade não foi diferente, havia mais preconceito do que antes, já que agora o racial se juntara ao de gênero.

Muitas vezes se acredita que no meio acadêmico as pessoas estão libertas das correntes negativas, porém esse ambiente se apresenta como o concentrador das coisas negativas. O preconceito vem dos professores/as, dos colegas, do próprio curso. E se faz necessário montar uma estratégia para superação. Assim fez Lúcia Júlio quando os alunos davam-lhe bandejadas,

No princípio fora terrível, a desistência só não veio por que o ensinamento do meu pai permaneceu, e então uma maneira de acabar aquela situação foi criada. Porque meu pai sempre dizia assim: Olhe. Se você quer conseguir e atingir seu objetivo. Você vai desistir? Você não retorna não. Aí eu passei uns 15 dias. Chegava à mesa e chorava, e comia feijão com lágrima que era uma beleza. Mas eu ficava lá, mas eu não desistia. Mas levei muita bandejada. (Entrevista concedida pela Professora Lúcia de Fatima Júlio, em 14 de Dez de 2012).

Tinha uma turma de Alagoas que era a pior turma que tinha na escola. Se eu quisesse vencer tinha que me aliar a eles. Aí teve um dia que eles deram uma bandejada danada. Aí eu peguei bandeja botei na mesa deles e me sentei (Risos). Sentei-me a mesa deles e comecei silenciosamente a comer. A partir daí parece que deu certo, que foi diminuindo. Sabe? Até acabar. (Risos). E dentro da faculdade em si. (Professora Lúcia de Fatima Júlio em, 14 de Dez de 2012).

Assim, a discriminação que começou a enfatizar mais era a questão racial e de gênero. Algo mais no coletivo de mulheres. Essas experiências se estenderam ao longo de suas carreiras cada uma de forma diferente, em lugares diferentes de sentimentos diferentes. Na família, no relacionamento, no emprego enfim, foram criadas estratégias. Toda essa experiência está interligada, ou seja, a questão racial e de gênero, e, serviram como impulso para essa professora continuar:

Não desisti. Pelo contrário me fortaleceu. Fortaleceu-me na busca por conhecimento. Entendeu? Na busca por conhecimentos. É na busca de procurar ler mais, estudar mais. Por exemplo de ter argumentos e armas para lutar contra a discriminação, contra o racismo, contra o preconceito. E hoje eu não tenho nenhum problema se eu sofrer algum preconceito. Eu vou para a justiça sim. Porque hoje eu sei como utilizar. Coisa que antes eu não tinha como utilizar o conhecimento não. (Entrevista concedida pela Professora Lúcia de Fatima em 14 de Dez de 2012).

Nos trechos da entrevista concedida pela Professora Lúcia Júlio fica evidenciada que ela sofrera preconceito tanto pela questão racial quanto pela de

gênero, no entanto, suas estratégias de luta permaneceram, melhoraram a partir do momento que passou a conhecer sobre os seus direitos.

É porque a mulher negra ela tem que matar um leão por dia. As pessoas negras parecem que todo dia, o seu, a sua graduação, o seu conhecimento tem que ser provado. E isso, acontece até hoje (Pausa). É uma dificuldade que nós temos a de sermos aceitas. As pessoas não nos aceitam tranquilamente não. Por exemplo, e é principalmente quando você tá numa função que é tem certo destaque. Sempre tem aqueles colegas de trabalho que eles vêm até você. Isso daí explicitamente te desqualifica, o teu trabalho (Entrevista concedida pela professora Lucia de Fatima em 14 de Dez de 2012).

Na criação das redomas o lado afetivo é sempre fragmentado, pois a confiança teria que ser primordial. A solidão não é desejo de permanência, é simplesmente momentânea, porém encontrar em quem confiar torna-se difícil já que o distanciamento das pessoas a faz repensar se deve ou não se aproximar. O desejo de lutar pela mudança tomou lugar de destaque na vida das professoras Lúcia Júlio e Socorro Silva. Mesmo sem elas participarem de movimentos sociais negros ou feministas, a sua atuação em sala de aula foi a de levar a conscientização aos alunos, promovendo cidadania e assim fazer crescer o número de sujeitos que abracem a luta contra o preconceito.

A Professora Socorro Silva também traz suas experiências de vida calcada no preconceito dentro da própria família, o entendimento do que é o racismo propriamente dito não se tinha, mas a sensibilidade de sentir na pele as ofensas racistas tivera desde nova. Hoje a professora Maria do Socorro nos conta relatos de sua vida e como hoje ela se vê diante de tudo e como se projeta no presente e no futuro a respeito dessa questão. Também provedora da intelectualidade por formar e transformar opiniões, ela nos conta sua percepção hoje com relação a sociedade e o preconceito e como se vê neste meio:

Porque olham pra você assim, de cima a baixo. Pra eles você não é visível. Então ao contrário, se chega outra pessoa, de outra cor. Às vezes até desarrumada, de havaiana, mas ela é reconhecida. Não é? Como uma pessoa que tem dinheiro e que vai comprar. Que você muitas vezes até fica chocada, porque as pessoas muitas vezes saem, assim atrás de você, como se você fosse fazer uma coisa errada. Você fica... Se olhando. Quer dizer. Isso é o que a gente vê na sociedade. Não é? Na política, em todos os segmentos da sociedade. É numa igreja, que você vai alguém olha pra você diferente. É o que eu vejo na sociedade hoje. Apesar de várias

discussões, apesar de já se falar muito do tema, do racismo, das leis que existem, as pessoas ainda, todas ainda não acordaram. (Entrevista concedida pela Professora Maria do Socorro em 14 de Dez de 2012).

Eu me vejo... (Silêncio) Eu já me trabalhei muito, mas eu ainda não me vejo assim com essa segurança toda. Porque é tanto muro que lhe cerca, que você fica ali no meio. Mas você ainda tem medo. Apesar de você dar alguns passos, mas você ainda se vê. Mas eu enfrento o dia a dia. Eu enfrento todas as barreiras que acontecem. Eu tento da minha forma. Eu sou assim extrovertida. Eu às vezes até aquela discriminação eu tiro como se fosse uma brincadeira. Sabe? E eu vivo nessa sociedade, dessa forma. (Entrevista concedida pela Professora Maria do Socorro em 14 de Dez de 2012).

A maneira como elas tratam o preconceito é diferenciada por Socorro Silva afirmar que leva na brincadeira, com isso não quer dizer que o racismo não a magoe e que as projeções de falas e ações não a façam se sentir reprimida, já que a mesma nos conta que precisa ainda trabalhar muito a questão do pertencimento, e como já falamos essa é uma tarefa difícil, por razões e experiências vivenciadas num momento passado, num discurso falado que menospreza a cultura afro-brasileira.

Pedimos a Socorro Silva que nos contasse sua trajetória escolar, e lá estava o preconceito tentando a excluir, esse que desde o seio familiar perpetuou durante sua caminhada:

E sobre a minha família, desde pequena que eu tenho discriminação dentro da minha família. Primeiro a minha família, as pessoas não são negras. O negro era meu pai. A família da minha mãe era todo mundo muito branco. Na época daquele povo antigo que negro para ele não valia nada. Meu avô era galego do olho azul e minha mãe casou com meu pai, que a família não queria de jeito nenhum. E por ai começou. Eu nasci igual a meu pai. E na própria família meus primos, todo mundo: tudo que eu fazia: é a nega, foi à nega. (Entrevista concedida pela Professora Maria do Socorro em 14 de Dez de 2012).

Duas famílias completamente diferentes, uma trabalhou o racismo e a outro sofrera o mesmo. Uma criou muros como proteção, e a outro levou o racismo na brincadeira, mas não deixou de combatê-lo. Ambas enfrentam a exclusão racial de maneira distinta, entretanto desejam a mesma coisa; o respeito e a valorização da sua etnia e cultura. Mais uma vez a educação é portadora da mudança, da transformação, da ascensão cultural da mulher negra.

A percepção da Professora Socorro Silva com respeito ao preconceito estava focada na discriminação social, após entrar na universidade foi que ela percebeu que desde sempre sofrera racismo, e até mesmo dentro da academia. As questões



sociais é outro fator que estigmatiza o sujeito. Mulher, negra e pobre são excluídas da sociedade como indivíduos que não carecem tanta atenção. Por isso os movimentos sociais, feministas e negros tomaram para si a luta de reivindicar os direitos de cidadania para todo ser humano, principalmente os menos favorecidos pela sociedade.

E eu estudei no colégio das pobres. Ai lá tudo bem. Só que a gente sentia a discriminação social maior. Porque o colégio era em cima, a gente ficava vendo, lá tudo era rica e a gente era as pobres. E eram freiras também. As freiras daqui ia pra lá. O tratamento, tudo lá com os ricos, tudo era diferente do tratamento da gente, e depois com o tempo, a escola que era das pobres se juntou para o colégio das ricas. Então foi todo mundo pobre estudar no colégio das ricas. E lá houve uma revolta na cidade, que começou as ricas não aceitava. (Entrevista concedida pela professora Maria do Socorro em 14 de Dez de 2012).

Por que vocês vêm tão arrumadas? Vocês vão para alguma festa? Mas a gente não queria ficar humilhada das outras colegas, e ela... Aí eu até disse: mas uma professora preocupada porque a gente foi com aquela roupa, ou deixou de vir? Aí eu também não sou de não responder não. Eu respondi: por que na cidade onde eu moro todo mundo anda arrumado. Eu fiz uma prova, um trabalho ela botou três. Tem condição de a pessoa fazer um trabalho e ela botar três? Não tem. Quando eu olhei: prova final. (Entrevista concedida pela professora Maria do Socorro em 14 de Dez de 2012).

Os acontecimentos menores, menos percebidos por ela, passaram despercebidos, contudo em sua fala fica evidenciado que hoje ela entende que coisas tão comuns e corriqueiras era uma forma de discriminação, mais por não compreender o significado ficara sem questionar. Os fatos marcados como daquela professora que implicou com sua roupa, perpetua em sua memória, e ao passar a entender o racismo é no trabalho que ela também começara a sofrer discriminação, por ser mulher e negra em uma posição que não lhe caberia:

Eu ensinava História. Depois eu fique sendo diretora. Comecei a sentir dos colegas, das colegas professoras. Não era tanto, da escola que eu trabalhava, mas das outras, das outras diretoras. Quando ia a uma reunião, que uma se aproximava mais de mim. Diziam tu és besta, nunca vi nega tão besta. Aí a outra dizia: oh! Fulano, ela é tão besta. Sabe aquelas historinhas que você... É como se você. É. Eu acho que é a forma de eu conversar muito de... Mesmo sabendo que você não sabe muito história, eu chego e converso. Agora se eu sentir... Pera aí, eu vou sair. Eu tenho essa parte. Eu sofro menos porque eu vou atrás. (Entrevista concedida pela professora Maria do Socorro em 14 de Dez de 2012).

É interessante frisar que ao não compreender um determinado assunto, ou temática cabe a cada um buscar se informar, e para a professora Socorro Silva não foi diferente. O desejo de aprender mais e poder compartilhar junto com os colegas de trabalho e com os alunos, manter uma relação de diálogo positivo:

Pronto. Aí. Com relação ao meu trabalho eu procurei... A partir daí eu procurei fazer de todas as formas para eu ser aquela diretora que eu achava que deveria ser. Eu procurei a ler eu buscava isso, aquilo outro ia aprendendo. Porque até então eu tinha trabalhado com o ensino fundamental. E eu não tinha trabalhado com o ensino, principalmente profissionalizante. Eu fui me deparar com isso. E lembro-me de um dia, eu não sabia de nada que tinha lá. Cheguei. Sabe o que é você chegar cego sem saber de nada. E eu lembro que chegou... Na época tinha em João Pessoa era um grupo que... Era uma ação pedagógica profissionalizante. Elas vieram mesmo. Fazia uma semana que eu tinha chegado. E ela chegou e ela começou a perguntar. E eu não sabia nada. E você começa logo a ver que as pessoas não vão acreditar, já não quer acreditar. Porque achava que você não dava conta. E ver que você não sabia nada? Assim em termo de secretaria, como funcionavam os históricos, todas essas coisas... Eu sabia da parte fundamental. Mas o que tinha de lei, de... Aquilo ali me deu mais força para eu estudar. Passei uma semana. Eu tirei tudo que tinha e comecei a estudar, ia ler, ia cobrar, ia pedir. Porque também se não sei eu peço. E comecei a pedir a menina que era adjunta. Ela já era desde a fundação da escola. Eu comecei a pedir a ela, e ela foi me dizendo. E eu fui... Com... Não deu 15 dias ela voltou. E depois entendi. Se ela tivesse voltado e eu estivesse do mesmo jeito eu tinha saído. Mas quando ela veio, ela veio num horário em que a adjunta não tava. Eu tava sozinha na secretaria, e ela chegou. Aí todas as perguntas que ela fez da outra vez, dessa vez eu sabia. A partir daí. Aí até a adjunta me disse: que essa mulher tinha dito que tinha saído arrasada, porque achava que na escola normal a gente não sabia de nada. Porque na verdade eu cheguei. Eu tinha que primeiro, que alguém sentasse e me dissesse. Até aí ninguém tinha me dito nada. E pronto. A partir daí quando eu me inteirei de tudo que existia na escola e como funcionava. Pronto! A partir daí, aí o pessoal começou a ver que eu sabia, aí começaram a respeitar (Entrevista concedida pela Professora Maria do Socorro em 14 de Dez de 2012).

Com esse depoimento fica clara a posição de Socorro Silva e sua atuação intelectual. Buscar mudanças para si e o próximo, adquirir respeito pelo trabalho que faz e como pessoa que é. Formar e informar aos colegas e alunos a partir da sua experiência de vida que faz parte da sociedade é cidadã e igual a todos tem o direito de conquistar o seu espaço. Esse processo trouxe a tona à questão da afetividade seja amorosa ou amigável, como as pessoas próximas a veem como mulher negra independente, ela nos conta os fatos até mesmo que marcou com relação ao afeto amoroso, e não tem como não lembrar do ocorrido:

Era. Aí eu morria de medo de ir. Por que. Meu Deus como é que esse povo vai me achar? Vai dizer o que? Aí realmente. Teve um que eu fui... Quando

eu cheguei, a mãe dele olhou pra cara do filho e disse: mas uma nega? (Silêncio). E eu lembro que dessa vez morri de vergonha e fiquei calada, não dei uma palavra. E mesmo assim continuei e fui outras vezes depois que eu era amiga da irmã dele e depois com o tempo ela aceitou tudinho. Mas o primeiro momento tem que você não ser aceita pela família, a pessoa ter que aceitar você. Porque quando você vê alguém você gosta do jeito que ela é. (Entrevista concedida pela professora Maria do Socorro em 14 de Dez de 2012).

É lamentável que ainda hoje existam tratamentos dessa natureza e às vezes piores, é triste ver que as pessoas serem classificadas por sua classe, cor e gênero. Em ambientes amigos também existe o preconceito implícita, aonde os negros recebem um rótulo por aquilo que possui, e não pelo o que é, e ela fala como sofrera em meios aos amigos esse tipo de preconceito:

Vamos dizer assim! Oh! É mas ainda tem... Porque você. Quando eu sou sua amiga, mas quando você vai me apresentar para outra pessoa? Você não diz logo que eu sou... Diz logo o que eu tenho. Ela é formada. Quer dizer: é como se fosse um passaporte, você ser aceito pela pessoa. E o que eu sinto muito. Eu já comentei algumas vezes, que eu já senti de pessoas que eu considero. Fala como se não tivesse preconceito, mas que lá dentro tem, não deixa de ter não. A hora, na forma de falar você sente o preconceito na hora que apresenta você a alguém. Ai diz, essa é Socorro, mas ela é diretora da escola, ela é formada. Ela é isso aquilo outro. Eu não estou valendo o que eu sou, mas o que tenho. (Entrevista concedida pela professora Maria do Socorro em 14 de Dez de 2012).

Essas duas personagens nos relataram suas experiências de vidas calcadas na discriminação racial, de gênero e social onde ambos superaram e buscaram na educação a transformação. Seus pensamentos e ideais de mudanças, as ações realizadas em suas salas de aulas e escolas mostram que ser intelectual é interagir com a necessidade vigente, é buscar discutir a melhoria da visibilidade dos sujeitos. Seus apelos estão em pedir aos futuros professores e educadores que façam realmente sua parte, faça a mudança acontecer, a construção da identidade, as ações afirmativas e as políticas públicas darem suporte para a medição entre os sujeitos, e a oportunidade deve ser criada e não esperada acontecer para assim juntamente com a Lei e os movimentos possamos dá passos largos com vistas a transformação que é urgente.

Não. Eu vejo só o seguinte: que puxando pro lado da educação, que a gente professor (a), enquanto professor (a), educador (a) que a gente deve ser. Eu acho que a gente ainda deve lutar muito. Muito porque os passos... Tudo bem começou! Muita coisa já foi feita. Mas precisa muito e precisa que

mais gente seja sensibilizada, principalmente na nossa classe. Porque a gente, ainda você muitos professores (as) que se dizem educadores (as), e que a gente vê nos corredores da escola eles (as) discriminando os alunos. E fazendo comparações dentro da sala e os alunos ainda continuando revoltados, não querendo ser negro, tentando não ser negro por conta dessa sociedade que ainda tá dessa forma e o mais impressionante é professor ainda. Que agente encontra professores (as) que dizem assim: eu as vezes fico analisando. Eu já ouvi professores (as) dizerem que nunca tiveram problemas com o fato de ser negro. Que dizer: não existe aqui. Aí o que é que você entende. Essa pessoa transmite o que para os colegas, os alunos dela. Não é? Você ainda pensa é... quem é bonito, quem é feio? Quem pode? Quer dizer: e é professor (a). A gente ainda precisa buscar muito, lutar muito pra que a gente consiga principalmente vocês que estão terminando. Eu acho que é um compromisso muito grande, porque vocês não sabem o que um professor (a) faz na cabeça de uma criança. O médico. As pessoas dizem que o médico mata e ele aleija. Mas nós professores (as) fazemos pior. Porque a gente não mata, mas a gente passa o resto da vida com problemas por causa de situações que a gente participou e que a gente não fez nada. Então. Eu acho que é só isso que eu tenho a dizer a vocês. Tem que buscar e cada vez mais tentar fazer. Mesmo a gente sabendo que a gente não faz cem por cento, mas a gente sempre vai procurar fazer um pouquinho mais pra vê se muda. Quem sabe século XXII, Né? Porque nesse a gente ainda sofre muito. (Entrevista concedida pela professora Maria do Socorro em 14 de Dez de 2012).

#### **4- Professoras negras: trajetórias de vidas em busca da visibilidade social**

As vidas das mulheres negras que ingressaram no magistério e se intelectualizaram são demarcadas por um conjunto de fatores que explicam os caminhos que percorreram. São vidas marcadas por sentimentos que mostram a negação e a afirmação de suas identidades, um processo lento e doloroso, mas com resultados positivos e satisfatórios. Muitos na sociedade brasileira desconhecem a existências de mulheres negras intelectuais, que atuam em seguimentos de cunho racial, social, de gênero e classe. Acredita-se que são nos movimentos tanto os negros quanto os feministas que podem se encontrar mulheres negras que debatem a temática afrodescendente.

Algumas das intelectuais negras utilizaram a carreira docente para transformar os valores da cultura de negação com que sempre conviveram e mudaram a sua realidade e das pessoas no seu entorno. Desde cedo aprenderam

que o exercício de ensinar não está apenas nas paredes da escola, mas nas ações que se desenrola fora desse ambiente. Isso fez com que a prática docente se misturasse ao social e levasse-as a desejar aprender, que o preconceito deve ser trabalhado em todo lugar social onde quer que as pessoas estejam, pois é necessário que as mulheres demarquem o seu lugar social e anunciem a sua liberdade juntamente com a de toda a comunidade onde está inserida. Trata-se, portanto, de uma prática política comprometida com a construção de uma nova sociedade.

Apesar da emergência das mulheres intelectuais muitas delas foram sucumbidas pela sua biologia, e pela melanina étnica. Os movimentos de mulheres negras que emergiram a partir das décadas de 1970 e 1980, ganharam força juntamente com os movimentos feministas, onde as oportunidades de acesso ao ensino superior deveriam lhes garantir apoio para que permanecessem em evidência. No entanto, nem sempre isso se manteve em virtude de nos movimentos feministas ocorrerem objetivos que não priorizavam as mulheres negras, não viam suas demandas como importantes e nem urgentes. Os movimentos tratavam da mulher como sendo homogênea. Foi a partir dessa realidade que as mulheres negras manifestaram o desejo de mudar a visão da história da mulher como única, elas buscaram o debate e a partir daí passaram a dar visibilidade a uma história que até então ainda não havia sido contada. A história das mulheres negras.

A luta por espaços políticos e sociais partiu de cada sujeito, grupo ou instituição. As mulheres negras desejavam muito mais do que a igualdade de salário, cargos e igualdades de gênero, era necessário acrescentar que se tratava de uma luta pela igualdade do gênero feminino racial, pois é inconcebível juntar tudo e achar que a luta é uma só, quando a história aconteceu de modo diferente para cada grupo de mulheres. Desta feita todos/as devem participar das lutas sem repartições, acredita-se que é necessário entender que todo indivíduo tem o direito ir e vim.

Experiências de racismo e preconceito são visivelmente percebidos nas falas, nos gestos e no olhar de quem é discriminado. Quando o sujeito entende o racismo sofrido na infância, ele crescerá sabendo que a sua cor o condiciona a viver cabisbaixo, e quando se entende racismo na fase adulta ainda causa estranheza, nas brincadeiras que antes eram consideradas apenas como “descontração”. Agora se entende que se passou uma vida sendo discriminada/o, a afirmação do

pertencimento étnico, não é algo negativo, mais é visto por muitos negros/as ainda, com certa dificuldade as represálias à cor ainda são estigmatizante.

As trajetórias marcadas por discriminação de raça e gênero que antes não estava bem demarcada para as mulheres, hoje são reflexões que servem para perceberem o quanto é necessário mudar o pensamento e ações dentro das escolas. Conhecer e levar outras pessoas a conhecerem a cultura desde outrora negada, discutir interna e externamente as questões que desrespeitam as relações étnicas, mostrando a história que foi excluída, mas que está explicitamente exposta na pele, na realidade, nas condições de homens e mulheres negras que tem seus lugares sociais estabelecidos.

As experiências vivenciadas no cotidiano das mulheres negras fizeram com que algumas criassem muros de proteção sentimental, outras utilizassem suas experiências como estratégias para lutar pelos direitos sociais, e outras ainda reconhecessem o fato de que são discriminadas, mas, prosseguem sem muitos alardes. Enfim, cada uma reage de forma diferente, no entanto, todas rejeitam o lugar que lhe foi atribuído. Quando se entende claramente o que é racismo, machismo e preconceito todas trilham os caminhos da subalternidade, o que faz com que a visibilidade feminina seja necessária. A partir de então passamos a entender os porquês de na contemporaneidade muitas mulheres ainda viverem excluídas, e em meio a essa realidade muitas reagem de diversas formas para superar essa realidade.

Em meio ao processo de superação da exclusão, a educação apareceu como a oportunidade que possibilitou a muitas mulheres a darem o salto para a vida e se destacarem em carreiras antes, masculinizadas e branqueadas. Apesar de ter feito esse outro percurso o preconceito ainda é uma realidade na vida das mulheres negras, conforme afirmou a Professora Lúcia Júlio.

Apesar das várias discussões sobre o racismo fomentadas pelos movimentos sociais negros, pelas escolas e universidades, apesar da existência da lei que pune a pessoa que discrimina e considera o racismo um crime, ainda existem pessoas que discriminam e que ainda não acordaram para a realidade das pessoas negras e não as reconhecem cidadãs de direito. O mais grave desse processo é o fato de existir negros/as que não se reconhecem e manifestam preconceito com o próprio negro. Isso é resultado do processo de negação a que historicamente as pessoas

negras no Brasil foram submetidas. Isso levou a essas pessoas a olhar para se como se fosse diferente, a cor é diferente. Que às vezes olham e dizem assim: “Oh gente! E a cor desse aí? Como é? Quer dizer isso a gente também vê na sociedade”. (Conforme entrevista concedida pela professora Lúcia Júlio em 14 de Dez de 2012).

Para algumas mulheres negras continuar na luta contra o preconceito racial é um desafio constante, pois é necessário enfrenta-lo para que possam desfrutar do trabalho de forma digna, apesar das conturbações no caminho, dos traumas sofridos e que marcaram cada uma de um modo diferente.

Os traumas decorrentes das experiências de preconceito racial vivenciados na infância, por exemplo, interferem na vida cotidiana das mulheres de duas maneiras: a primeira leva-as a se distanciar das pessoas, criar barreiras que impeçam a aproximação, selecionar as pessoas com quem se deve ou não manter amizade. A segunda maneira é fazer os traumas de infância se “positivar”, e a partir deles, trabalhar em prol das transformações do modo como a sociedade enxerga as pessoas negras, transformar a maneira como a escola ver os negros/as, como a sociedade, a comunidade trata os negros explicando, ensinando mostrando que existe outro lado da moeda, outra história que se esqueceram de contar, e assim mostrar, que os negros/as não foram criados para servirem aos brancos, mas que ambos foram criados para serem iguais mesmo pertencendo a etnias diferentes.

Nesse sentido a Professora Lúcia Júlio aponta a escola como um dos espaços onde se deve fazer a desconstrução e construção da outra história sobre as pessoas negras.

Na escola né? Na escola. O infantil e o primário é que eu tive um problema assim na minha trajetória de escola. Por quê? Porque meu pai tinha condição econômica ele valorizava o econômico e valorizava a educação pra colocar a gente na escola particular. E foi aí que o meu grande problema. Eu acho que talvez se eu tivesse começado os meus estudos numa escola pública, tenha sido mais fácil. (Conforme entrevista concedida pela Professora Lúcia Júlio em 14 de Dez de 2012).

As relações de poder são estabelecidas na escola, mas isso não significa dizer que a submissão deve ser concretizada, as transformações são constantes e ao longo da vida de cada sujeito estará presente. Isso ocorre para que os sujeitos possam se relacionar e essa relação nem sempre é de igual para igual. Mas cada

sujeito assume um papel que é característico do modo como ele se compreende no mundo e compreende o mundo no qual está inserido. Logo, nesse processo complexo e longo, os papéis sociais vão se definindo.

No dialogo com a Professora Lúcia Júlio percebemos que traumas evidenciados na vida adulta estão atrelados aos fatores da educação, ou seja, a situações e experiências desagradáveis que passaram na escola em virtude da sua condição de negra, no entanto, isso não foi motivo de desistência de sua ação no enfrentamento ao preconceito racial, pelo contrário a tornou mais forte.

Ao perguntarmos as nossas interlocutoras sobre as suas experiências e do papel que hoje elas têm na sociedade e na educação enquanto mulheres negras, suas respostas são claras e objetivas, e o desejo é o de que ocorram mudanças, o que minimizará ou exterminará o preconceito racial. Na opinião da Professora Lúcia Júlio é necessário:

Trabalhar história e cultura afro-brasileira é um compromisso de vida, porque eu não gostaria que crianças passassem pelo que eu passei não. Isso aí foi só o começo né. Ai você é invisibilizada nas brincadeiras. É. Você é invisibilizada nas representações que a escola coloca. O que eu posso dizer pra vocês no sentido de primário. É uma, é como se eu fosse totalmente invisível no sistema escolar. Mas em tudo mesmo. (Conforme entrevista concedida pela Professora Lúcia Júlio em 14 de Dez de 2012).

Como professoras ou coordenadoras pedagógicas as nossas interlocutoras percebem o quanto ainda o racismo persiste dentro das escolas, nos projetos, nos professores/as com alunos/as negros/as e brancos que são discriminados e condicionados muitas vezes a aprender o que é imposto pelos livros didáticos, mesmo que as histórias e culturas ensinadas nada tenham a ver com suas realidades.

A partir dos conteúdos ensinados e aprendidos na escola meninos/as negros/as passam a construir uma identidade que não está relacionada a etnia que se pertence de fato, a identidade que socialmente passaram a assumir é resultado da relação que se estabelece e é vivenciada com os diversos grupos e instituições sociais” (CHAGAS, 2010, p.87).

A identidade étnico-racial é importante porque ela vai incidir na relação das pessoas negras com as ações afirmativas; uma política pública voltada para as pessoas negras com a qual elas deveriam se identificar e defender, no entanto,



causa-lhes espanto e estas aparecem estranhas. Esse tipo de comportamento frente a uma política que veio para beneficiar é resultado do conflito interno que homens negros e mulheres negras ainda vivem o que faz com que eles/as não consigam se afirmar como tal, e passem a defender uma ação pública que veio para incluí-los. Como as pessoas negras podem se enxergar quando historicamente sua cultura foi subalternizada e negativada? Na construção e reconstrução das identidades os meios de comunicações e informações, as mídias em geral têm papel relevante, pois pregam e enfatizam o contrário do que fazem os movimentos sociais, os movimentos feministas, e os grupos de professoras negras.

Enquanto estes grupos atuam na sociedade de modo a positivar a história e a cultura afro-brasileira e africana, as mídias trabalham na contra mão desses fazeres, pois tende a negá-las ou folclorizá-las quando por ventura fazem referência.

Individuais ou em grupos as professoras negras também estão engajadas nos movimentos em defesa da história e cultura afro-brasileira e africana, e seja nas suas salas de aulas, ou nos grupos que compõem os movimentos sociais elas mostram vertentes diferentes da história, criam projetos inovadores que exibem uma história ainda desconhecida, seja no seu aspecto cultural, geográfico, econômico, e político. Enfim, elas buscam visibilizar a partir da oportunidade que a docência lhe permite, algo que antes elas desconheciam e que agora se faz necessário conhecer.

As mulheres negras e professoras acreditam que é pela educação que se muda mundos e modos, que se conhece o inanimado e se transforma espaços, gestos, maneiras, e principalmente pensamentos. A discriminação racial contra as mulheres negras é uma constante, por isso, muitas delas fizeram da sua prática em sala de aula um modo de ação permanente e construíram estratégias de superação do preconceito racial (BARRETO, s/d, p.4).

O trajeto educacional percorrido pelas mulheres negras foi e ainda é demarcado por grandes lutas, até alcançarem as instituições de ensino, um acesso que por muitas décadas fora negado, visto que para adentrarem e permanecerem na escola foi necessário lutas e resistências, pois a diversidade dentro da escola, era visto de forma negativa. A lógica da sociedade branca e burguesa não permitia a presença da mulher negra no espaço escolar, um espaço de construção e divulgação de saber. No entanto, o acesso à escola foi uma das formas que as mulheres encontraram para resistir à opressão social, étnica e cultural e assim galgarem todos os setores da sociedade, a exemplo do ensino superior.

Mesmo as mulheres tendo acessado as universidades isso não significa que estas instituições estejam livres do preconceito racial. No Brasil os centros acadêmicos também estão sujeitos a estarem repletos de preconceitos raciais, de gênero e classe, eles fazem parte de um currículo que afeta as mulheres que adentraram no sistema superior de ensino, e nem sempre o fato de estar presente significa que são aceitas e reconhecidas, o que faz com que as discriminações sejam uma constante, conforme relatou a Professora Socorro Silva:

Ai no curso a gente não sentia tanto. Mas a gente não sentia tanta. Existiu ainda. Um dia desse eu estava lembrando porque na época eu não entendi, e hoje eu entendo que teve uma professora. Naquela época Campina tinha muita vida noturna. E você sabe... Teve ano na nossa história que o pessoal gostava muito de se arrumar. Em Campina Grande tinha essa história. Por quê? Porque o pessoal só saía muito de noite pras boates. Pra que? Como a gente saía daqui. Pra gente não ficar tão diferente das outras. A gente também saía toda arrumada. E um dia a professora discutiu comigo por conta disso. Por que ela perguntou? Por que eu ia tão arrumada pra escola (universidade)? E não é que essa professora implicou comigo o semestre todinho e me reprovou. E hoje eu entendo que não só era. Não era porque eu ia arrumada. Era porque eu era negra. (Conforme entrevista concedida pela Professora Socorro Silva em 14 de Dez de 2012).

A postura da sociedade ainda impondo os poderes racistas e machistas não corresponde mais as “mudanças culturais que deem conta de colocar a mulher/mulher negra em condições de igualdade perante a sociedade mais ampla” (FERREIRA, SOUSA, 2011, p.9). Isso é a prova de que o sistema funcional da sociedade está dilacerado, e os vestígios do preconceito já se mostram deflagrados, ainda persistentes, porém, não se constitui como poder absoluto.

A resistência das mulheres dentro das universidades significa a ocupação de lugares que para elas ainda não estavam disponibilizados, isso significa também escrever, produzir a respeito da causa do preconceito, da descriminalização, e assim abrir o diálogo com demais vertentes universitárias que lutam para além da causa estudantil, o que torna o anônimo social negro (a) conhecido no centro acadêmico. “Nesse processo as mulheres negras tiveram uma importância crucial, ainda que tenha enfrentado a não visibilidade dentro do próprio círculo de atuação feminista” (SILVA, BARBOSA, 2008), e tenham ampliado a discussão, é perceptível que dentro dos grupos de convivência seja na escola, na universidade, no trabalho e na comunidade muitas negras tornaram-se invisíveis, conforme enunciou a Professora Lúcia Júlio:

Aí quando cheguei à universidade lá foi outro choque. Porque lá você teve o preconceito racial, teve o preconceito de gênero. Quando eu cheguei lá nós éramos 14 mulheres e o resto era tudo homem. Aí como é que diz assim: eu acho que não teve ninguém que recebeu tanta bandejada na Escola de Agronomia como eu. Porque o restante é imenso não é, e é a turma masculina. Aquelas bandejas de inox, aí eles pegavam o garfo e a faca e tá, tá, tá... Desde a chegada à hora que você lavava as mãos para atravessar todo o corredor até pegar a bandeja. Eu acho que eu passei muito mais de meses levando bandejada. Acabaram com os outros e eu continuei levando bandejada. (Conforme entrevista concedida pela Professora Lúcia Júlio em 14 de Dez de 2012).

As diferentes formas de preconceito causam efeitos traumáticos nas mulheres, umas superam, mas preferem o anonimato, e outras transformam o preconceito vivenciado em motivação para lutarem pela transformação. O racismo é um vírus que contamina o ar, e sendo assim dentro das famílias também existirá o preconceito, conforme lembra a Professora Socorro Silva.

Nas famílias o preconceito racial nem sempre é trabalhado ou mostrado e não se discute que não se devem inferiorizar as pessoas. Não se discute na família que na sociedade existem pessoas que determinam um lugar aos negros e as mulheres. Nesse sentido a educação vivenciada na família é relevante, pois é quem dará suporte de conhecimento para transformação dos espaços raciais discriminados, e possibilitará as pessoas a ascensão, visto elas terem sido taxadas de incapazes de ascender da classe inferior, conforme afirma a Professora Lúcia Júlio.

As reações dentro da família refletem o sujeito na sociedade, e infelizmente os meios de acesso à informação e ao conhecimento são mal utilizados. Se não houver incentivos dentro de casa, é na escola onde se deve buscar o desconhecido ou pelo menos nos meios que dão suporte para a informação do cidadão. Na contemporaneidade a globalização é rápida e ao mesmo tempo conturbadora quando não se tem um uso adequado. As questões que tratam sobre racismo, preconceito, discriminação e machismo viram tabus, e tornam-se discussões parciais pinceladas de desculpas, que mostram uma sociedade igualitária.

O deslocamento da mulher negra das camadas sociais inferiores para o meio social político é um exemplo de que resistiram desde a escravatura com os modelos de resistência trabalhando pela liberdade de sobreviverem, e continuam enfrentando na atualidade, problemáticas que tentam estagná-las no espaço social.

O silenciamento da mulher é percebido quando sofrem violências, nas ruas, em casa, no trabalho. Ações que não as desencorajam da luta.

O lugar social, político e cultural que se encontra a mulher é o resultado de uma constante batalha contra os meios repressivos que germinam por gerações. Elas se tornaram visíveis para além do espaço doméstico, são vista como delegadas, enfermeiras, juízas, policiais, estudantes, feministas e dentre outras onde não se imaginava encontrá-las. Tornaram-se professoras em busca de ascender e transformar, educar para mudar uma realidade deturpada da história.

Os estudos mostraram que o desejo das mulheres professoras negras é mostrar que muita coisa mudou desde a Lei Áurea, que os negros não eram passivos e nem coniventes com a exploração. Que a mulher resistiu e sofreu na carne o flagelo humano da humilhação. Nas descendências, os reflexos são perfeitamente notáveis quando olhamos e vemos uma sociedade que discrimina a aparência afro-brasileira. O apelo por mudanças é um desejo e ao mesmo tempo uma ação feita pelas mulheres dentro da escola.

Na realidade assim, o que eu gostaria de falar e o que eu vejo hoje. Os meninos que são os futuros educadores que eles tenham a sensibilidade de trabalhar a história e a cultura afro-brasileira nas suas salas. Porque só assim vamos construir uma sociedade diferenciada. E eu digo para vocês as maiores dificuldades, os maiores preconceituosos são os professores. E eles não sabem o mal que estão fazendo para seus alunos, porque nenhum aluno pode passar pela escola sem conhecer a sua história, porque eles vão valorizar a sua etnia se eles não conhecem a sua história. Aí eu penso muito nisso. Nessa sensibilidade. Porque a lei foi sancionada vai fazer dez anos. Mas a gente caminhou muito pouco e muito lenta. E se os (as) professores (as), gestores (as) não tiverem a sensibilidade de trabalhar nas suas escolas, nas suas secretarias, é muito difícil a gente mudar essa sociedade que está aqui presente hoje (Conforme entrevista concedida pela Professora Lúcia Júlio em 14 De Dez de 2012).

Perceber a intelectualidade das mulheres negras neste sentido de militância ativista, é concretiza-la nas mudanças feitas em si mesmas, a partir da afirmação de sua identidade e na luta por fazer mudar a maneira como os negros são vistos na história, e dentro das salas de aula mostrar que os afro-brasileiros vêm de uma descendência que tem história, cultura e política. Que os mesmos fazem parte da sociedade, mas não são subalternos ao outro sujeito, e sim indivíduos com deveres e direitos como todo cidadão que pode ir aonde querem, e se tornarem o que quiserem. Ser intelectual é escrever e fazer a escrita acontecer nas ações, o desejo

para mudar a situação do oprimido, fazer ouvir as minorias, transformar o espaço e incentivar o outro, mostrar as diversas identidades, etnias, culturas e formas diferenciadas e reconhecer que todos merecem respeito. O trajeto percorrido pelas professoras negras é a prova de que se tornaram intelectuais ativistas que visam à visibilidade dos negros a partir da escola e dela para toda sociedade.

## **5- Considerações Finais**

A mulher negra desde a conquista da liberdade, passando pelo processo de reconhecimento e chegando aos dias atuais, buscou formas de resistir aos sistemas de exclusão racial, de classe e de gênero. Apesar do preconceito ainda persistir, elas se destacam, a exemplo, no campo da educação, foco deste trabalho, tentando fazer com que a sociedade perceba, respeite e aceite sua atual posição social.

As dificuldades nos centros acadêmicos, onde muitas vezes sua produção não é aceitável, ou reconhecida ainda persiste. Não muito distante, na educação básica também ocorre invisibilidade. Diante do poder que as professoras tem nas mãos, poucos são aqueles que utilizam do conhecimento para transformar o meio, e elas fazem na sua docência o papel de agente transformador. Transformam opiniões, questionam a sociedade, contextualizam os setores sociais.

A intelectualidade das mulheres negras estão ligadas ao poder da transformação. O intelecto da docência das professoras negras não se condiciona a forma de pensar e escrever para um determinado grupo, mais em ações comportamentais de se fazer conhecer, mudar, (re) criar contextos. O desejo parte da necessidade pela modificação, do reconhecimento, dos estereótipos criados tentando desconstruir o modelo vigente que ainda tem na sociedade, de subalternizar as mulheres negras. Desta feita conclui-se que ser intelectual ou fazer o uso da intelectualidade significa ser compartilhador do conhecimento, na tentativa de transformar a sociedade.

## **6- Referências**

ALMEIDA, Giane Elisa Sales. **Historias da educação escolar de mulheres negras: as politicas publica que não vieram.** In: Revista do Programa de Pós-Graduação, Campo Grande, 2009.

ALMEIDA, Giane Elisa Sales. **Trabalho e educação: aprendendo a ser mulher negra.** Niterói: UFF, 2009.

BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados.

BELCHIOR, Douglas. **Tornar-se negra: intelectual e ativista: percursos de Lélia Gonzales.** Rio de Janeiro: Selo Negro, 2010.

BEZERRA, Nathalia. **Mulher e universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade.** Fortaleza: UECE, s/d.

CAVALCANTE, Simone Joaquim. **Entre a História e a Memória: Adélia de França uma professora negra na Paraíba do século XX (1926-1976).** João Pessoa. Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPB, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento.** Estudos Avançados, 2003.

\_\_\_\_\_. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** São Paulo: Geledes, 2011.

CAMPOS, Raphaela Hass. **Questão de gênero no ensino superior.** Cad. Esc. Neg. Curitiba, 2007.

CALDWELL, Kia Lilly. **Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil.** Canadá: Revista Estudos Feministas, 1995.

CUSTODIO, Meliza da Silva. **Mulher negra: da inserção na história a inserção na propaganda.** São Carlos, FFC, 2012.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **Educação e etnicidade: o (a) negro (a) nas aulas de historias.** Campina Grande: EDUEPB, 2010.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

EUCLIDES, Maria Simone. **O sentido da liberdade para mulheres negras: discussão necessária.** Salvador: UFBA, 2011.

FERREIRA, Aline Santos, SOARES, Emanuel Luís Roque. **A educação das mulheres negras como uma forma de conquista dentro da sociedade brasileira: estigmas x direitos.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade.** Cidade: Cadernos Pagu, 1996.

\_\_\_\_\_. **Mulheres negras e educação: trajetórias de vida histórias de luta.** São Paulo: Cadernos Pagu, 1996.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. **O acesso de negros a universidade pública.** São Paulo: Departamento de Sociologia da USP, 2003.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras.** Tradução de Marcos Santarrita. Canadá 1995.

JUVITO, Mayara. Africanidades, cotas e questões raciais. In: **Revista de história.** Joao Pessoa, 2011.

MANSON, Ana Karina. **EJA e mulher negra: vencendo pedras no caminho a emancipação.** São Paulo: IFECT, 2010.

MULLER, Maria Lucia Rodrigues, VIANNA, Luciana. **Professoras negras no Rio de Janeiro: história de um branqueamento.** PENESB, s/d.

NASCIMENTO, Cleonice Ferreira. **Histórias de vidas de professoras negras: trajetórias de sucesso.** Cuiabá: UFMT, 2012.

NEVES, Genivaldo Silva. **A presença da policial feminina com características afrodescendentes na polícia militar da Bahia.** Bahia. NEIM, 2008.

OLIVEIRA, Iolanda de. **Cor e Magistério.** Rio de Janeiro. Eduff, 2006.

PACHECO, Ana Claudia Lemos. **A trajetória de uma intelectual negra: uma voz subalternizada?** Salvador: UFBA, 2011.

PINTO, Regina Pahim. **A educação dos Negros**: uma revisão da bibliografia. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, 1987.

PINTO, Gisele. **Gênero, raça e pós graduação**: um estudo sobre a presença de mulheres negras nos cursos de Mestrados da Universidade Federal de Fluminense. Niterói: UFF, 2007.

PIRES, Mara Fernanda Chiari. **Mulher e negra**: a poesia como instrumento da reafirmação de gênero e etnia. Diáspora, diversidade, deslocamentos. UCS, 2010.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. **Mulheres no ensino superior no Brasil**. Salvador: Editora da UNEB e UFBA, s/d.

RIBEIRO, Matilde. **Mulheres negras brasileiras**: de Bertioga a Beijing. Conferência Mundial sobre a Mulher. Estudos Feministas, 1995.

ROCHA, Solange Pereira. **Gente negra na Paraíba oitocentista**: população, família e parentesco espiritual. Recife: Massangana, 2007.

\_\_\_\_\_. **A conquista da liberdade**: alforrias de mulheres escravizadas na cidade da Paraíba, século XIX. Campina Grande: Editora da UEPB, 2010.

SANTOS, Walkyria Chagas da Silva. A mulher negra brasileira. In: **Revista África e Africanidades**. Bahia, 2009.

SANTOS, Ana Cristina Conceição. **Movimentos e experiências das mulheres do INEGRA**. Bahia: UFC, s/d.

SILVA, Irailda Leandro. **Identidade e educação de mulheres negras de Buíque-BA**. Salvador: XI CONLAB, 2011.

VERISSIMO, Silvana. **Mulheres negras brasileiras ao passar do tempo, da barbárie e da escravidão a atoras sociais**. Florianópolis: Nizinga Mbandi, 2008.

WERNECK, Jurema. **Mulheres negras**: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Helrinch Boll, 2000.



**ANEXOS**

**ANEXO A – TERMO DE CONCESSÃO DE ENTREVISTA DE MARIA DO  
SOCORRO GOMES SILVA**

## TERMO DE CONCESSÃO DE ENTREVISTA

Pelo presente documento eu, Maria do Socorro Gomes Silva concedo entrevista aos estudantes Aline Pereira Santiago, Camila da Silva Nascimento, Ellen Hortência Silva Santos e Damião Cavalcante do Nascimento, integrantes da equipe do Projeto de Pesquisa: **Histórias de Mulheres Negras Paraibanas: a construção da identidade negra e afirmação da cidadania**, coordenado pelo Professor Dr. Waldeci Ferreira Chagas e financiado pelo PIBIC/CNPq. No momento também autorizo a equipe da pesquisa a utilizar parte ou a entrevista total por mim concedida na escrita de trabalhos acadêmicos e relatório de pesquisa na área de História e afins junto a UEPB, Campus de Guarabira. A entrevista terá fins meramente acadêmicos na escrita de trabalhos sobre a trajetória de vida de professoras negras na Paraíba.

Alagoa Grande, 14 / 12 / 2012.

Maria do Socorro Gomes Silva  
Entrevistada

Damião Cavalcante do Nascimento  
Entrevistador

Nome completo: Maria do Socorro Gomes Silva

Data de Nascimento: 29 de setembro de 1955.

Natural de: Alagoa Grande - PB

Endereço Completo: Rua: 13 de Maio, 272 - Centro  
Alagoa Grande - PB  
CEP. 58388-000

**ANEXO B – TERMO DE CONCESSÃO DE ENTREVISTA DE LÚCIA DE FÁTIMA  
JÚLIO**

**TERMO DE CONCESSÃO DE ENTREVISTA**

Pelo presente documento eu, Lucia de Fátima Júlio  
 Concedo entrevista aos estudantes Aline Pereira Santiago, Camila da Silva Nascimento, Ellen Hortência Silva Santos e Damiano Cavalcante do Nascimento, integrantes da equipe do Projeto de Pesquisa: **Histórias de Mulheres Negras Paraibanas: a construção da identidade negra e afirmação da cidadania**, coordenado pelo Professor Dr. Waldeci Ferreira Chagas e financiado pelo PIBIC/CNPq. No momento também autorizo a equipe da pesquisa a utilizar parte ou a entrevista total por mim concedida na escrita de trabalhos acadêmicos e relatório de pesquisa na área de História e afins junto a UEPB, Campus de Guarabira. A entrevista terá fins meramente acadêmicos na escrita de trabalhos sobre a trajetória de vida de professoras negras na Paraíba.

Alagoa Grande, 14/12/2012.

Lucia de Fátima Júlio  
 Entrevistada

Damiano Cavalcante do Nascimento  
 Entrevistador

Nome completo: Lucia de Fátima Júlio  
 Data de Nascimento: 11 de outubro 1954  
 Natural de: Santa Rita  
 Endereço Completo: Rua João Pessoa nº 1188  
Alagoa Grande - Paraíba